

EX-LIBRIS



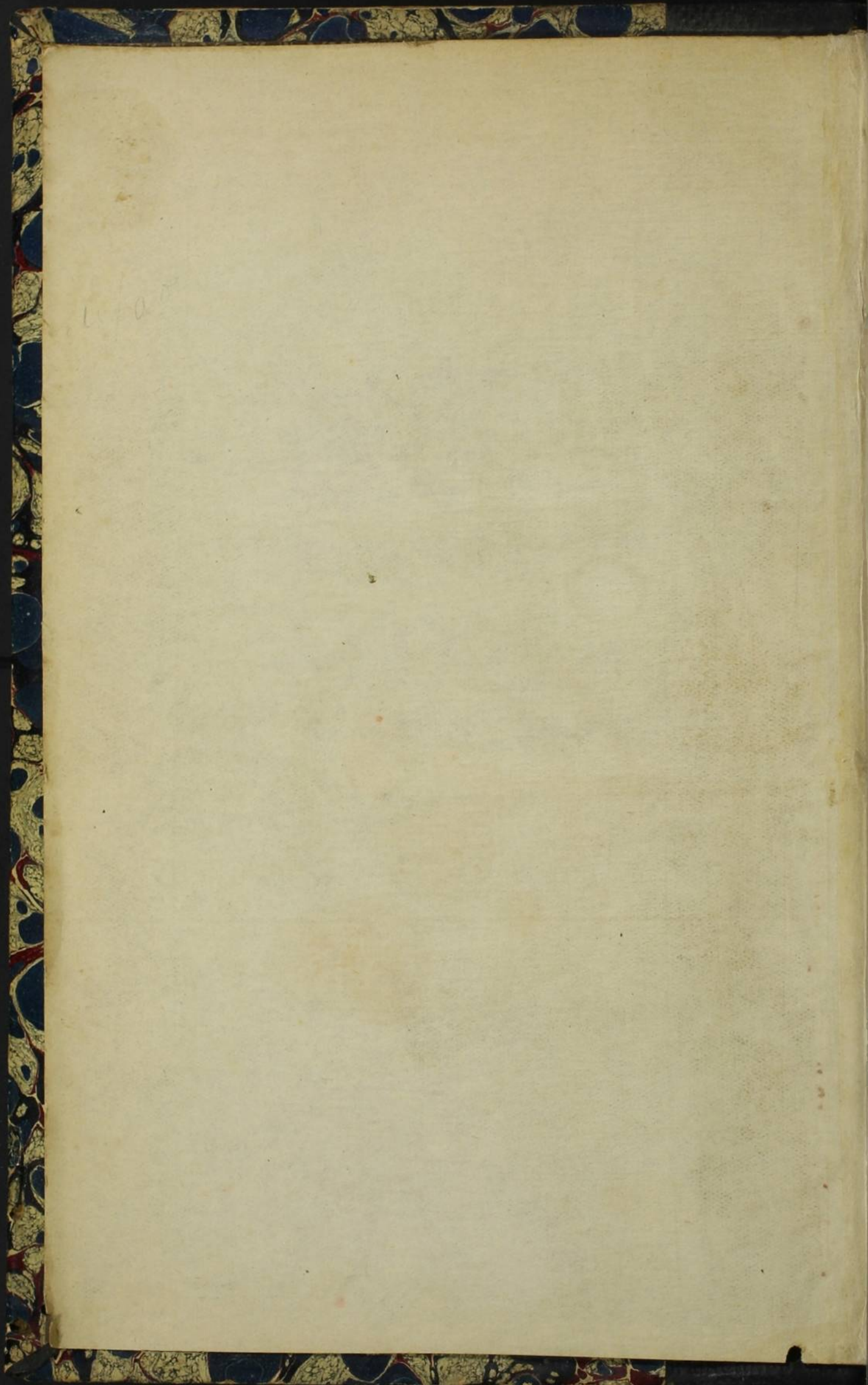
DOCTVS CVM LIBRO

J. PEREIRA DE MATTOS

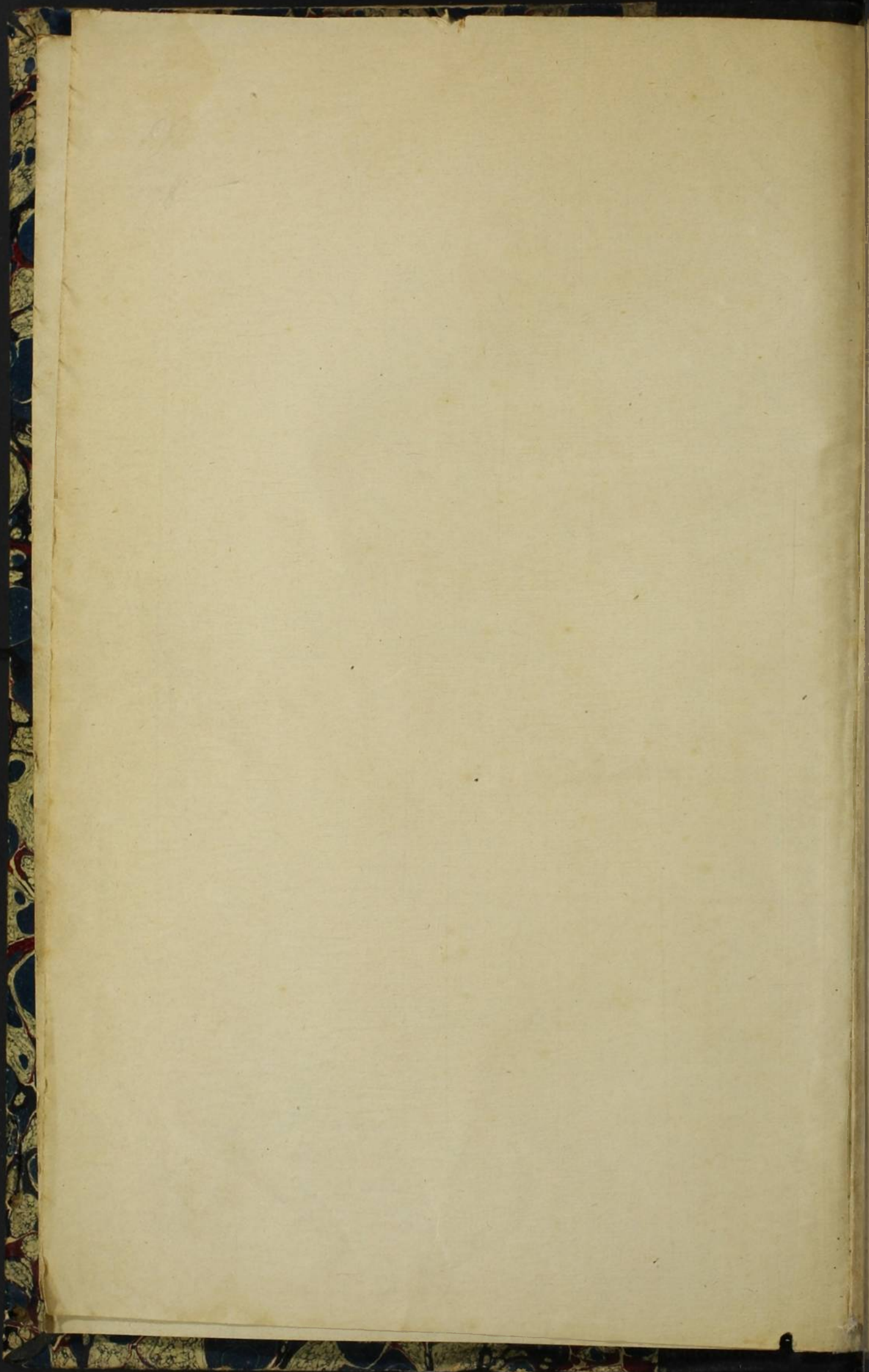
Le ne fay rien  
sans  
**Gayeté**

*(Montaigne, Des livres)*

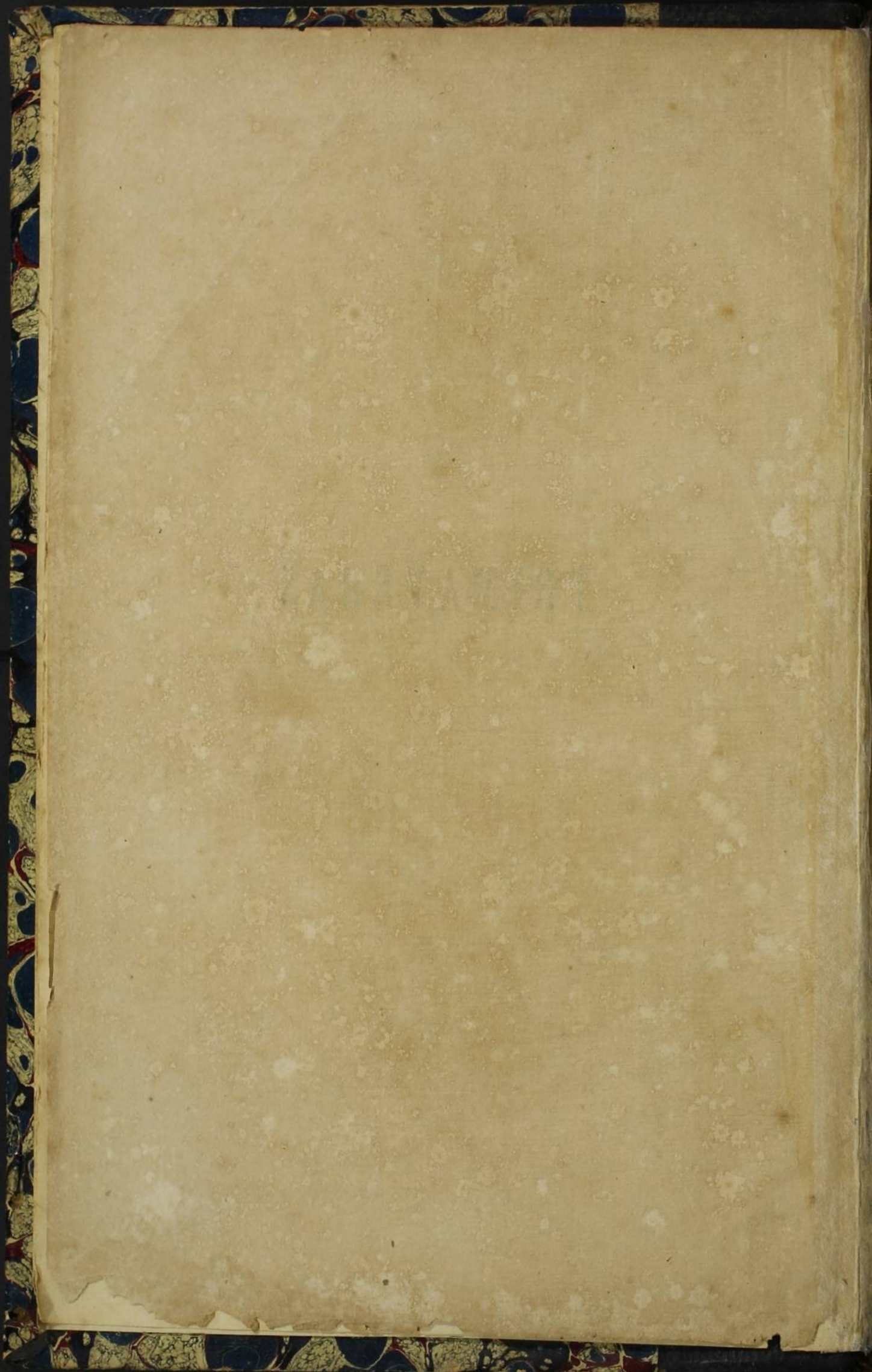
Ex Libris  
José Mindlin







PRIMAVERAS







S. lith.

Lith. de Lopes Rua N. dos M<sup>es</sup> 2 a 4

CASIMIRO DE ABREU

AS  
**PRIMAVERAS**

DE

**CASIMIRO J. M. DE ABREU**

NATURAL DA PROVINCIA DO RIO DE JANEIRO

1856 — 1859

**SEGUNDA EDIÇÃO**

**LISBOA**  
**TYPOGRAPHIA DO PANORAMA**

TRAVESSA DA VICTORIA, 73

—  
1864

10  
18

PRIMAVERAS

CASIMIRO J. M. DE ABRIL

LA TIENDA DE LOS SEÑORES DE LOS SEÑORES

LA TIENDA DE LOS SEÑORES

LA TIENDA DE LOS SEÑORES  
LA TIENDA DE LOS SEÑORES

1881

A

## F. OCTAVIANO

---

São as flores das minhas primaveras  
Rebentadas á sombra dos coqueiros

TEIXEIRA DE MELLO — Sombras e Sonhos

---

Um dia — além dos Orgãos, na poetica Friburgo — isolado dos meus compañeros de estudo, tive saudades da casa paterna e chorei.

Era de tarde; o crepusculo descia sobre a crista das montanhas e a natureza como que se recolhia para entoar o cantico da noite; as sombras estendião-se pelo leito dos valles e o silencio tornava mais solemne a voz melancolica do cahir das cachoeiras. Era a hora da merenda em nossa casa e pareceo-me ouvir o echo das risadas infantis de minha mana pequena! As lagrimas correrão e fiz os primeiros versos da minha vida, que intitulei — ÀS AVE-MARIA: — a saudade havia sido a minha primeira musa.

Era um canto simples e natural como o dos passarinhos, e para possuil-o hoje eu dera em troca este volu ne inutil, que nem conserva ao menos o sabor virginal d'aquelles preludios!

Depois, mais tarde, nas ribas pittorescas do Douro ou nas varzeas do Tejo, tive saudades do meu ninho das florestas e cantei; a nostalgia me apagava a vida e as veigas risonhas do Minho não tinham a belleza magestosa dos sertões.

Eu era entusiasta então e escrevia muito, porque me embalava á sombra d'uma esperanza que n'unca pude ver realisada. N'uma hora de desalento rasguei muitas d'essas paginas candidas e quasi que pedi o balsamo da sepultura para as ulceras recentes do coração; é que as primeiras illusões da vida, abertas de noite — cabem pela manhã como as flores cheirosas das lorangeiras!

Flores e estrellas, murmúrios da terra e mysterios do céo, sonhos de virgem e risos de criança, tudo o que é bello e tudo o que é grande, veio por seu turno debruçar-se sobre o espelho magico da minha alma e ahí estampar a sua imagem fugitiva. Se n'essa collecção d'imagens predomina o perfil gracioso d'uma virgem, facilmente s'explica: — era a filha do céo que vinha vibrar o alaúde adormecido do pobre filho do sertão.

Rico ou pobre, contradictorio ou não, este livro fez-se por si, naturalmente, sem esforço, e os cantos sahirão conforme as circumstancias e os lugares os ião despertando. Um dia a pasta pejada de tanto papel pedia que lhe desse um destino qualquer, e foi então que resolvi a publicação das — Primaveras; depois separei muitos cantos sombrios, guardei outros que constituem o meu — livro intimo — e no fim de mudanças infinitas e caprichosas, pude ver o volume completo e o entrego hoje sem receio e sem pretensões.

Todos ahí acharão cantigas de criança, trovas de mancebo, e rarissimos lampejos de reflexão e de estudo: é o coração que se espraia sobre o eterno thema do amor e que soletra o seu poema mysterioso ao luar melancolico das nossas noites.

Meu Deus! que se ha de escrever aos vinte annos, quando a alma conserva ainda um pouco da crença e da virgindade do berço? Eu creio que sempre ha tempo de sermos — NOMEM SERIO, — e de preferirmos uma moeda de cobre a uma página de Lamartine.

De certo, tudo isto são ensaios; a mocidade palpita, e na sede que a devora decepa os louros inda verdes e antes de tempo quer ajustar as cordas do instrumento, que só a madureza da idade e o trato dos mestres poderão temperar.

O filho dos tropicos deve escrever n'uma linguagem — propriamente sua — languida como elle, quente como o sol que o abrasa, grande e mysteriosa como as suas matas seculares; o Leijo apaixonado das Celutas deve inspirar epopeias como a dos — Tymbiras — e acordar ao Renés enfastiados do desalento que os mata. Até então, até seguir-mos o vóo arrojado do poeta de — Y-Juca-Pirama — nós cantores noveis, somos as vozes secundarias que se perdem no conjuncto d'uma grande orchestra; ha o unico merito de não ficarmos calados.

Assim, as minhas — Primaveras não passam d'um ramalhete das flores proprias da estação, — flores que o vento esfolhará amanhã, e que apenas valem como promessa dos fructos do outomno.

Rio — 20 de Agosto — 1839.

CASIMIRO DE ABREU.

# A

Fallo a ti—doce virgem dos meus sonhos,  
Visão dourada d'um scismar tão puro,  
Que sorrias por noites de vigilia  
Entre as rosas gentis do meu futuro.

Tu m'inspiraste, oh musa do silencio,  
Mimosa flor da languida saudade!  
Por ti correo meu estro ardente e louco  
Nos verdores febris da mocidade.

Tu vinhas pelas horas das tristezas  
Sobre o meu hombro debruçar-te a medo,  
A dizer-me baixinho mil cantigas,  
Como vozes subtis d'algum segredo!

Por ti eu me embarquei, cantando e rindo,  
— Marinheiro de amor — no batel curvo,  
Rasgando affouto em hymnos d'esperança  
As ondas verde-azues d'um mar que é turvo.

Por ti corri sedento atraz da gloria;  
Por ti queimei-me cedo em seus fulgores;  
Queria de harmonia encher-te a vida,  
Palmas na fronte—no regaço flores!

Tu, que foste a vestal dos sonhos d'ouro,  
O anjo-tutelar dos meus anhelos,  
Estende sobre mim as asas brancas. . .  
Desenrola os anneis dos teus cabellos!

Muito gêlo, meu Deus, crestou-me as galas!  
Muito vento do sul varreo-me as flores!  
Ai de mim—se o relento de teus risos  
Não molhasse o jardim dos meus amores!

Não t'esqueças de mim! Eu tenho o peito  
De santas illusões, de crenças cheio!  
—Guarda os cantos do louco sertanejo  
No leito virginal que tens no seio.

Pôdes ler o *meu livro*:—adoro a infancia,  
Deixo a esmola na enxerga do mendigo,  
Creio em Deus, amo a patria, e em noites lindas  
Minh'alma—aberta em flor—sonha contigo.

Se entre as rosas das minhas — Primaveras —  
Houver rosas gentis, de espinhos nuas;  
Se o futuro atirar-me algumas palmas,  
As palmas do cantor — são todas tuas!

Agosto 20 — 1859.

C.

— 2 —

Oh ! que sandades tantas  
Das montanhas

## LIVRO PRIMEIRO

D'adacne eeo de saplyra  
Que se mira  
Que se mira nos crystallos

Heureux ceux qui n'ont point vu la fumée  
des fêtes de l'étranger, et qui ne se sont assis  
qu'aux festins de leurs pères !

CHATEAUBRIAND.

Quero a terra das mangueiras  
E as palmeiras

---

E as palmeiras tão gentis !

### I

Como a ave dos palmeiras  
E os seus cantos

## CANÇÃO DO EXILIO

Fugindo do caçador ;  
En vivo longe do ninho

Oh ! mon pays sera mes amours  
Toujours.

CHATEAUBRIAND.

Depalbe eu olho e procuro...

Eu nasci além dos mares :  
Os meus lares,  
Meus amores ficão lá !  
—Onde canta nos retiros  
Seus suspiros,  
Suspiros o sabiá !  
Oh que céu, que terra aquella,  
Rica e bella  
Como o céu de claro anil !  
Que seiva, que luz, que galas,  
Não exhalas  
Não exhalas, meu Brasil !

Distante do solo amado  
A vida não se vê  
N'esse  
Quem me para

1802—1803

Oh ! que saudades tamanhas  
Das montanhas,  
D'aquelles campos nataes !  
D'aquelle céo de saphyra  
Que se mira,  
Que se mira nos crystaes !

Não amo a terra do exilio,  
Sou bom filho,  
Quero a patria, o meu paiz,  
Quero a terra das mangueiras  
E as palmeiras,  
E as palmeiras tão gentis !

Como a ave dos palmares  
Pelos ares  
Fugindo do caçador ;  
Eu vivo longe do ninho,  
Sem carinho,  
Sem carinho e sem amor !

Debalde eu olho e procuro...  
Tudo escuro  
Só vejo em roda de mim !  
Falta a luz do lar paterno  
Doce e terno,  
Doce e terno para mim.

Distante do solo amado  
—Desterrado—  
A vida não é feliz.  
N'essa eterna primavera  
Quem me dera,  
Quem me dera o meu paiz !

## II

### MINHA TERRA

---

Minha terra tem palmeiras  
Onde canta o sabiá.  
G. DIAS.

Todos cantão sua terra,  
Tambem vou cantar a minha,  
Nas debeis cordas da lyra  
Heide fazel-a rainha ;  
—Heide dar-lhe a realeza  
N'esse throno de belleza  
Em que a mão da natureza  
Esmerou-se em quanto tinha.

Correi pr'as bandas do sul :  
Debaixo d'um céu de anil  
Encontrareis o gigante  
Santa Cruz, hoje Brasil ;  
—É uma terra de amores  
Alcatifada de flores  
Onde a brisa falla amores  
Nas bellas tardes de Abril.

Tem tantas bellezas, tantas,  
A minha terra natal,  
Que nem as sonha um poeta  
E nem as canta um mortall  
—É uma terra encantada  
—Mimoso jardim de fada—  
Do mundo todo invejada,  
Que o mundo não tem igual.

\*

Não, não tem, que Deus fadou-a  
D'entre todas—a primeira :  
Deu-lhe esses campos bordados,  
Deu-lhe os leques da palmeira,  
E a borboleta que adeja  
Sobre as flores que ella beija,  
Quando o vento rumoreja  
Na folhagem da mangueira.

É um paiz magestoso  
Essa terra de Tupá,  
Desd'o Amazonas ao Prata,  
Do Rio Grande ao Pará!  
—Tem serranias gigantes  
E tem bosques verdejantes  
Que repetem incessantes  
Os cantos do sabiá.

Ao lado da cachoeira,  
Que se despenha fremente,  
Dos galhos da sapucaia  
Nas horas do sol ardente,  
Sobre um solo d'açucenas,  
Suspensa a rêde de pennas  
Alli nas tardes amenas  
Se embala o indio indolente.

Foi alli que n'outro tempo  
À sombra do cajazeiro  
Soltava seus doces carmes  
O Petrarca brasileiro ;  
E a bella que o escutava  
Um sorriso deslisava  
Para o brado que pulsava  
Seu alaúde fagueiro.

Quando Dirceu e Marilia  
Em ternissimos enleios  
Se beijavão com ternura  
Em celestes devaneios ;  
Da selva o vate inspirado,  
O sabiá namorado,  
Na lorangeira pousado  
Soltava ternos gorgeios.

Foi alli, foi no Ypiranga,  
Que com toda a magestade  
Rompeo de labios augustos  
O brado da liberdade ;  
Aquella voz soberana  
Vôou na plaga indiana  
Desde o palacio á choupana,  
Desde a floresta á cidade !

Um povo ergueu-se cantando  
—Mancebos e anciãos—  
E, filhos da mesma terra,  
Alegres derão-se as mãos ;  
Foi bello vêr esse povo  
Em suas glorias tão novo,  
Bradando cheio de fogo :  
—Portugal ! somos irmãos !

Quando nasci, esse brado  
Já não soava na serra  
Nem os eccos da montanha  
Ao longe dizião—guerra !  
Mas não sei o que sentia  
Quando, a sós, eu repetia  
Cheio de nobre ousadia  
O nome da minha terra !

Se brasileiro eu nasci  
Brasileiro heide morrer,  
Que um filho d'aquellas matas  
Ama o céu que o vio nascer ;  
Chora, sim, porque tem prantos,  
E são sentidos e santos  
Se chora pelos encantos  
Que nunca mais ha de vêr.

Chora, sim, como suspiro  
Por esses campos que eu amo,  
Pelas mangueiras copadas  
E o canto do gaturamo ;  
Pelo rio caudaloso,  
Pelo prado tão relvoso,  
E pelo tyê formoso  
Da goiabeira no ramo !

Quiz cantar a minha terra,  
Mas não pôde mais a lyra ;  
Que outro filho das montanhas  
O mesmo canto desfira,  
Que o proscripto, o desterrado,  
De ternos prantos banhado,  
De saudades torturado,  
Em vez de cantar — suspira !

Tem tantas bellezas, tantas,  
A minha terra natal,  
Que nem as sonha um poeta  
E nem as canta um mortal !  
—E' uma terra de amores  
Alcatifada de flores  
Onde a brisa em seus rumores  
Murmura : — não tem rival !

III  
SAUDADES

---

Nas horas mortas da noite  
Como é doce o meditar  
Quando as estrellas scintillão  
Nas ondas quietas do mar ;  
Quando a lua magestosa  
Surgindo linda e formosa,  
Como donzella vaidosa  
Nas aguas se vai mirar!

N'essas horas de silencio,  
De tristezas e de amor,  
Eu gosto de ouvir ao longe,  
Cheio de magoa e de dôr,  
O sino do campanario  
Que falla tão solitario  
Com esse som mortuario  
Que nos enche de pavor.

Então — proscripto e sósinho —  
Eu sólto aos eccos da serra  
Suspiros d'essa saudade  
Que no meu peito se encerra.  
Esses prantos de amargores  
São prantos cheios de dôres :  
— Saudades — dos meus amores,  
— Saudades — da minha terra !

IV

CANÇÃO DO EXILIO

---

Se eu tenho de morrer na flor dos annos,  
Meu Deus! não seja já;  
Eu quero ouvir na laranjeira, á tarde,  
Cantar o sabiá!

---

Meu Deus, eu sinto e tu bem vês que eu morro  
Respirando este ar;  
Faz que viva, Senhor! dá-me de novo  
Os gozos do meu lar!

O paiz estrangeiro mais bellezas  
Do que a patria, não tem;  
E este mundo não val um só dos beijos  
Tão doces d'uma mãe!

Dá-me os sitios gentis onde eu brincava  
Lá na quadra infantil;  
Dá-me que eu veja uma vez o céu da patria,  
O céu do meu Brasil!

Se eu tenho de morrer na flor dos annos,  
Meu Deus! não seja já!  
Eu quero ouvir na laranjeira, á tarde,  
Cantar o sabiá!

Quero vêr esse céu da minha terra  
Tão lindo e tão azul!  
E a nuvem côr de rosa que passava  
Correndo, lá do sul!

Quero dormir á sombra dos coqueiros,  
As folhas por docel;  
E vêr se apanho a borboleta branca,  
Que vóa no vergel!

Quero sentar-me á beira do riacho  
Das tardes ao cahir,  
E sósinho scismando no crepusculo  
Os sonhos do porvir!

Se eu tenho de morrer na flor dos annos,  
Meu Deus! não seja já;  
Eu quero ouvir na lorangeira, á tarde,  
A voz do sabiá!

Quero morrer cercado dos perfumes  
D'um clima tropical,  
E sentir, expirando as harmonias  
Do meu berço natal!

Minha campa será entre as mangueiras  
Banhada do luar,  
E eu contente dormirei tranquillo  
Á sombra do meu lar!

As cachoeiras choraráo sentidas  
Porque cedo morri,  
E eu sonho no sepulchro os meus amores  
Na terra onde nasci!

Se eu tenho de morrer na flor dos annos,  
Meu Deus! não seja já;  
Eu quero ouvir na lorangeira, á tarde,  
Cantar o sabiá!

Lisboa — 1857.

V

**MINHA MÃI**

Oh l'amour d'une mère! — amour que nul n'oublie

V. Hugo.

Da patria formosa distante e saudoso,  
Chorando e gemendo meus cantos de dor,  
Eu guardo no peito a imagem querida  
Do mais verdadeiro, do mais santo amor:

— Minha Mãi! —

Nas horas caladas das noites d'estio  
Sentado sósinho co'a face na mão,  
Eu choro e soluço por quem me chamava  
— « Oh filho querido do meu coração! » —

— Minha Mãi! —

No berço, pendente dos ramos floridos  
Em que eu pequenino feliz dormitava:  
Quem é que esse berço com todo o cuidado  
Cantando cantigas alegre embalava?

— Minha Mãi! —

De noite, alta noite, quando eu já dormia  
Sonhando esses sonhos dos anjos dos céos,  
Quem é que meus labios dormentes roçava,  
Qual anjo da guarda, qual sopro de Deus?

— Minha Mãi! —

Feliz o bom filho que pôde contente  
Na casa paterna de noite e de dia  
Sentir as caricias do anjo de amores,  
Da estrella brilhante que a vida nos guia!  
— Uma Mãi! —

Por isso eu agora na terra do exilio,  
Sentado sósinho co'a face na mão,  
Suspiro e soluço por quem me chamava:  
— « Oh filho querido do meu coração! » —  
— Minha Mãi! —

Isbo a — 1853.

VI

**ROSA MURCHA**

Esta rosa desbotada  
Já tantas vezes beijada,  
Palido emblema de amor;  
É uma folha cahida  
Do livro da minha vida,  
Um canto immenso de dor!

.....

Ha que tempos! Bem me lembro...  
Foi n'um dia de Novembro:  
Deixava a terra natal,  
A minha patria tão cara,  
O meu lindo Guanabara,  
Em busca de Portugal:

Na hora da despedida  
Tão cruel e tão sentida  
P'ra quem sahe do lar sagueiro;  
D'uma lagrima orvalhada,  
Esta rosa foi-me dada  
Ao som d'um beijo primeiro.

Deixava a patria, é verdade,  
Ia morrer de saudade  
N'outros climas, n'outras plagas;  
Mas tinha orações ferventes  
D'uns labios inda innocentes  
Em quanto cortasse as vagas.

E hoje, e hoje, meu Deus?!  
— Heide ir junto aos mausoleos  
No fundo dos cemiterios,  
E ao baço clarão da lua  
Da campa na pedra nua  
Interrogar os mysterios!

Carpir o lyrio pendido  
Pelo vento desabrido. . .  
Da divindade aos arcanos  
Dobrando a fronte saudosa,  
Chorar a virgem formosa  
Morta na flor dos annos!

Era um anjo! Foi pr'o céu  
Envolta em mistico véo  
Nas asas d'um cherubim;  
Já dorme o somno profundo,  
E despedio-se do mundo  
Pensando talvez em mim!

. . . . .

Oh! esta flor desbotada,  
Já tantas vezes beijada,  
Que de mysterios não tem!  
Em troca do seu perfume  
Quanta saudade resume  
E quantos prantos tambem!

— 16 —

VII

**JURITY**

---

Na minha terra, no bulir do mato,  
A jurity suspira:  
E como o arrulo dos gentis amores,  
São os meus cantos de secretas dôres  
No chorar da lyra.

De tarde a pomba vem gemer sentida  
Á beira do caminho;  
— Talvez perdida na floresta igente —  
A triste geme n'essa voz plangente  
Saudades do seu ninho.

Sou como a pomba e como as vozes d'ella  
É triste o meu cantar;  
— Flor dos tropicos — cá na Europa fria  
Eu desinho, chorando noite e dia  
Saudades do meu lar.

A jurity suspira sobre as folhas seccas  
Seu canto de saudade;  
Hymno de angustia, férvido lamento,  
Um poêma de amor e sentimento,  
Um grito d'orphanidade!

Depois . . . o caçador chega cantando,  
Á pomba faz o tiro . . .  
A bala acerta e ella cahe de bruços,  
E a voz lhe morre nos gentis soluços,  
No final suspiro.

E como o caçador, a morte em breve  
    Levar-me-ha comsigo;  
E descuidado, no sorrir da vida,  
Irei sósinho, a voz desfallecida,  
    Dormir no meu jazigo.

E—morta—a pomba nunca mais suspira  
    Á beira do caminho;  
E como a jurity,—longe dos lares—  
Nunca mais chorarei nos meus cantares  
    Saudades do meu ninho!

Lisboa — 1857.

VIII

MEUS OITO ANNOS

Oh! souvenirs! printemps! aurores!  
V. Hugo.

Oh! que saudades que tenho  
Da aurora da minha vida,  
Da minha infancia querida  
Que os annos não trazem mais!  
Que amor, que sonhos, que flores,  
N'aquellas tardes fagueiras  
Á sombra das bananeiras,  
Debaixo dos laranjaes!

Como são bellos os dias  
Do despontar da existencia!  
—Respira a alma innocencia  
Como perfumes a flor;  
O mar é—lago sereno,  
O céu—um manto azulado,  
O mundo—um sonho dourado,  
A vida—um hymno d'amor!

Que auroras, que sol, que vida,  
Que noites de melodia  
N'aquella doce alegria,  
N'aquelle ingenuo folgar!  
O céu bordado d'estrellas,  
A terra de aromas cheia,  
As ondas beijando a areia  
E a lua beijando o mar!

Oh! dias da minha infancia!  
Oh! meu céu de primavera!  
Que doce a vida não era  
N'essa risonha manhã!  
Em vez das magoas de agora,  
Eu tinha n'essas delicias  
De minha mãe as caricias  
E beijos de minha irmã!

Livre filho das montanhas,  
Eu ia bem satisfeito,  
Da camisa aberto o peito,  
—Pés descalços, braços nus—  
Correndo pelas campinas  
À roda das cachoeiras,  
Atraz das asas ligeiras  
Das borboletas azues!

N'aquelles tempos ditosos  
Ia colher as pitangas,  
Trepava a tirar as mangas,  
Brincava á beira do mar;  
Resava ás Ave-Marias,  
Achava o céu sempre lindo,  
Adormecia sorrindo  
E despertava a cantar!

..... ; ..

Oh! que saudades que tenho  
Da aurora da minha vida,  
Da minha infancia querida  
Que os annos uão trazem mais!

—Que amor, que sonhos, que flores.  
N'aquellas tardes fagueiras  
À sombra das bananeiras,  
Debaixo dos laranjaes!

Lisboa—1857.

## NO ALBUM DE J. C. M.

N'estas folhas perfumadas  
Pelas rosas desfolhadas  
D'esses cantos de amizade,  
Permitte que venha agora  
Quem longe da patria chora  
Bem triste gravar: — saudade!

X

NO LAR

Terra da minha patria, abre-me o seio  
Na morte — ao menos . . . . .

GARRETT.

I

Longe da patria, sob um céu diverso  
Onde o sol como aqui tanto não arde,  
Chorei saudades do meu lar querido  
— Ave sem ninho que suspira á tarde. —

No mar — de noite — solitario e triste  
Fitando os lumes que no céu tremião,  
Avido e louco nos meus sonhos d'alma  
Folguei nos campos que meus olhos vião.

Era patria e familia e vida e tudo,  
Gloria, amores, mocidade e crença,  
E, todo em chôros, vim beijar as praias  
Porque chorára n'essa longa ausencia.

Eis-me na patria, no paiz das flores,  
— O filho pródigo a seus lares volve,  
E concertando as suas vestes rôtas,  
O seu passado com prazer revolve! —

Eis meu lar, minha casa, meus amores,  
A terra onde nasci, meu tecto amigo,  
A gruta, a sombra, a solidão, o rio  
Onde o amor me nasceu — cresceu comigo.

Os meus campos que eu deixei criança,  
Arvores novas... tanta flor no prado!...  
Oh! como és linda, minha terra d'alma,  
— Noiva enfeitada para o seu noivado! —

Foi aqui, foi alli, além... mais longe,  
Que eu sentei-me a chorar no fim do dia;  
— Lá vejo o atalho que vai dar na varzea...  
Lá o barranco por onde eu subia!...

Acho agora mais sêcca a cachoeira  
Onde banhei-me no infantil cansaço...  
— Como está velho o laranjal tamanho  
Onde eu caçava o sanhassú a laço!...

Como eu me lembro dos meus dias puros!  
Nada m'esquecel... e esquecer quem hade?...  
— Cada pedra que eu palpo, ou tronco, ou folha,  
Falla-me ainda d'essa doce idade!

Eu me remoço recordando a infancia,  
E tanto a vida me palpita agora  
Que eu déra oh! Deus! a mocidade inteira  
Por um só dia do viver d'outr'ora!

E a casa?... as sallas, estes moveis... tudo,  
O erucifixo pendurado ao muro...  
O quarto do oratorio... a salla grande  
Onde eu temia penetrar no escuro!...

E alli... n'aquelle canto... o berço armado!  
E minha mana, tão gentil, dormindo!  
E mamãi a contar-me historias lindas  
Quando eu chorava e a beijava rindo!

Oh! primavera! oh! minha mãe querida!  
Oh! mana!—anjinho que eu amei com ancia—  
Vinde vêr-me, em soluços—de joelhos—  
Beijando em chôros este pó da infancia!

II

Meu Deus! eu chorei tanto lá no exílio!  
Tanta dor me cortou a voz sentida,  
Que agora n'este gôzo de proscripto  
Chora minh'alma e me succumbe a vida!

Quero amor! quero vida! e longa e bella  
Que eu, Senhor! não vivi—dormi apenas!  
Minh'alma que s'expande e se entumece  
Despe o seu luto nas canções amenas.

Que sêde que eu sentia n'essas noites!  
Quanto beijo roçou-me os labios quentes!  
E, palido, acordava no meu leito  
—Sósinho—e orphão das visões ardentes!

Quero amor! quero vida! aqui, na sombra,  
No silencio e na voz d'esta natura;  
—Da primavera de minh'alma os cantos  
Caso co'as flores da estação mais pura.

Quero amor! quero vida! os labios ardem...  
Preciso as dores d'um sentir profundo!  
—Soffrego a taça exgotarei d'um trago  
Embora a morte va topar no fundo.

Quero amor! quero vida! Um rosto virgem,  
—Alma de archanjo que me falle amores,  
Que ria e chore, que suspire e gema  
E doure a vida sobre um chão de flores.

Quero amor! quero amor!—Uns dedos brancos  
Que passem a brincar nos meus cabellos;  
Rosto lindo de fada vaporosa  
Que dê-me vida e que me mate em zêlos!

Oh! céu de minha terra—azul sem mancha—  
Oh! sol de fogo que me queima a fronte,  
Nuvens douradas que correis no occaso,  
Névoas da tarde que cobris o monte:

Perfumes da floresta, vozes doces,  
Mansa lagôa que o luar pratêa,  
Claros riachos, cachoeiras altas,  
Ondas tranquillias que morreis na arêa;

Aves dos bosques, brisas das montanhas,  
Bentevís do campo, sabiás da praia,  
—Cantai, correi, brillhai—minh'alma em ancias  
Treme de gôzo e de prazer desmaia!

Flores, perfumes, solidões, gorgeios,  
Amor, ternura—modulai-me a lyra!  
—Seja um poêma este ferver de ideias  
Que a mente cala e o coração suspira.

Oh! mocidade! bem te sinto e vejo!  
De amor e vida me trasborda o peito...  
—Basta-me um anno!.. e depois... na sombra...  
Onde tive o berço quero ter meu leito!

Eu canto, eu choro, eu rio, e grato e louco  
Nos pobres hymnos te bendigo, oh! Deus!  
Deste-me os gozos do meu lar querido...  
Bemdito sejas!—vou viver c'os meus!

Inday'assú—1837

MORCUMBIA

Morcumbia, Morcumbia,  
Tu és do campo a rainha,  
Tu és senhora de mimas,  
Tu mais tobas d'amor,  
Facila, vendendo as flores,  
Que colhes no teu jardim.  
Quando tu passas n'aldeia,  
Diz o povo á bocca cheia,  
— Mulher mais linda não dá —  
Ai! vejo como é bonita,  
— Co's tranças presas na lista,  
— Co's flores no samburá.  
Tu és meiga, és innocente,  
Como a rã do contentão,  
Vês o sol no rosto,  
E volta as simples e abas,  
No voz no tico, nas lalás,  
Morcumbia — não tens rival.

**BRAZILIANAS**

**MORENINHA**

Moreninha, Moreninha,  
 Tu és do campo a rainha,  
 Tu és senhora de mim;  
 Tu matas todos d'amores,  
 Faceira, vendendo as flores  
 Que colhes no teu jardim.

Quando tu passas n'aldeia  
 Diz o povo á bocca cheia:  
 — « Mulher mais linda não ha!  
 « Ai! vejão como é bonita  
 « Co'as tranças presas na fita,  
 « Co'as flores no samburá! —

Tu és meiga, és innocente  
 Como a rôla que contente  
 Vôa e folga no rosal;  
 Envolta nas simples galas,  
 Na voz, no riso, nas fallas,  
 Morena — não tens rival!

Tu, hontem, vinhas do monte  
E paraste ao pé da fonte  
Á fresca sombra do til;  
Regando as flores, sósinha,  
Nem tu sabes, Moreninha,  
O quanto achei-te gentil!

Depois segui-te calado  
Como o passaro esfaimado  
Vai seguindo a jurity;  
Mas tão pura ias brincando,  
Pelas pedrinhas saltando,  
Que eu tive pena de ti!

E disse então: — Moreninha,  
Se um dia tu fores minha,  
Que amor, que amor não terás!  
Eu dou-te noites de rosas  
Cantando canções formosas  
Ao som dos meus ternos ais.

Morena, minha sereia,  
Tu és a rosa da aldeia,  
Mulher mais linda não ha;  
Ninguém t'igualá ou t'imita  
C'o as tranças presas na fita,  
C'os as flores no samburá!

Tu és a deosa da praça,  
E todo o homem que passa  
Apenas vio-te... parou!  
Segue depois seu caminho  
Mas vai calado e sósinho  
Por que sua alma ficou!

Tu és bella, Moreninha,  
Sentada em tua banquinha  
Cercada de todos nós;  
Rufando alegre o pandeiro,  
Como a ave no espinheiro  
Tu sóltas também a voz:

— « Oh! quem me compra estas flores?  
« São lindas como os amores,  
« Tão bellas não ha assim;  
« Forão banhadas de orvalho,  
« São flores do meu serralho,  
« Colhi-as no meu jardim. » —

Morena, minha Morena,  
És bella, mas não tens pena  
De quem morre de paixão!  
— Tu vendes flores singelas  
E guardas as flores bellas,  
As rosas do coração?!...

Moreninha, Moreninha,  
Tu és das bellas rainha,  
Mas nos amores és má;  
— Como tu ficas bonita  
C'o as tranças presas na lita,  
Co'as flores no samburá!

Eu disse então: — « Meus amores,  
« Deixa mirar tuas flores,  
« Deixa perfumes sentir! »  
Mas n'aquelle doce enleio,  
Em vez das flores, no seio,  
No seio te fui bulir!

Como nuvem desmaiada  
Se tinge de madrugada  
Ao doce albor da manhã ;  
Assim ficaste, querida,  
A face em pejo accendida,  
Vermelha como a romã !

Tu fugiste, feiticeira,  
E de certo mais ligeira  
Qualquer gazella não é ;  
Tu ias de saia curta....  
Saltando a moita de murta  
Mostraste, mostraste o pé !

Ai ! Morena, ai ! meus amores,  
Eu quero comprar-te as flores,  
Mas dá-me um beijo tambem ;  
Que importão rosas do prado  
Sem o sorriso engraçado  
Que a tua boquinha tem ?

Apenas vi-te, sercia,  
Chamei-te — rosa da aldeia —  
Como mais linda não ha.  
— Jesus ! Como eras bonita  
Co'as tranças presas na fita,  
Co'as flores no samburá !

XII

NA RÊDE

---

Nas horas ardentes do pino do dia  
Aos bosques corri;  
E qual linda imagem dos castos amores,  
Dormindo e sonhando cercada de flores  
Nos bosques a vi!

Dormia deitada na rêde de pennas  
— O céu por docel,  
De leve embalada no quieto balanço  
Qual nauta scismando n'um lago bem manso  
N'um leve batel!

Dormia e sonhava — no rosto serena  
Qual um serafim;  
Os cilios pendidos nos olhos tão bellos,  
E a brisa brincando nos soltos cabellos  
De fino setim!

Dormia e sonhava — formosa embebida  
No doce sonhar,  
E doce e sereno n'um magico aneio  
Debaixo das roupas batia-lhe o seio  
No seu palpitar!

Dormia e sonhava — a bocca entre-aberta  
O labio a sorrir;  
No peito cruzados os braços dormentes,  
Compridos e lisos quaes brancas serpentes  
No coio a dormir!

Dormia e sonhava — no sonho de amores  
Chamava por mim,  
E a voz suspirosa nos labios morria  
Tão terna e tão meiga qual vaga harmonia  
De algum bandolim!

Dormia e sonhava — de manso cheguei-me  
Sem leve rumor:  
Pendi-me tremendo e qual fraco vagido,  
Qual sopro da brisa, baixinho ao ouvido  
Fallei-lhe de amor!

Ao halito ardente o peito palpita...  
Mas sem despertar;  
E como nas ancias d'um sonho que é lindo,  
A virgem na rêde corando e sorrindo...  
Beijou-me — a sonhar!

XIII

A VOZ DO RIO

N'UM ALBUM

Nosso sol é de fogo, o campo é verde,  
O mar é manso, nosso céu azul!  
—Ai! porque deixas este patrio ninho  
Pelas friezas dos vergéis do sul?

Lá n'essa terra onde o Gualypa chora  
Nao são as noites, como aqui, formosas,  
E as duras asas do Pampeiro iroso  
Quebra as tulipas e desfolha as rosas.

A lua é doce, nosso mar tranquillo,  
Mais leve a brisa, nosso céu azul! . . .  
—Tupá! quem troca pelo patrio ninho  
As ventanias dos vergeis do sul?!

Lá novos campos outros campos ligão  
E a vista fraca na extensão se perde!  
E tu sósinha viverás no exilio  
—Garça perdida n'esse mar que é verde!—

Nossas campinas como doces noivas  
Vivem co'os montes sob o céu azul!  
—Ha vida e amores n'este patrio ninho  
Mais rico e bello que os vergeis do sul!

Essas palmeiras não tem tantos leques,  
O sol das Pampas mareou seu brilho,  
Nem cresce o tronco que susteve um dia  
O berço lindo em que dormio teu filho!

Nossas florestas sacudindo os galhos  
Tocão co'os braços este céu azul! . . .  
—Se tudo é grande n'este patrio ninho  
Porque deixal-o p'ra viver no sul?!

Embora digas:—essa terra fria  
Merece amores, é irmã da minha—  
Quem dar-te pode este calor do ninho,  
A luz que o teu berço tinha?!

Eu — Guanabara — no meu longo espelho  
Reflico as nuvens d'este céu azul;  
—Ó minha filha! acalentei-te o somno,  
Porque me deixas p'ra viver no sul?! . . .

Lá, quando a terra s'embuçar nas sombras  
E o sol medroso s'esconder nas agoas,  
Teu pensamento, com o sol que morre,  
Hade scismando mergulhar-se em magoas!

Mas se forçoso t'é deixar a patria  
Pelas friezas dos vergeis do sul,  
Ó minha filha! não t'esqueças nunca  
D'estas montanhas, d'este céu azul.

Tupá bondoso te derrame graças,  
Doce ventura te bafeje e siga,  
E nos meus braços—ao voltar do exilio—  
Saudando o berço que teu labio diga :

« Volvo contente para o patrio ninho,  
« Deixei sorrindo esses vergeis do sul;  
« Tinha saudades d'este sol de fogo...  
« Não deixo mais este meu céu azul... »

Rio—1883.

XIV

SETE DE SETEMBRO

A D. PEDRO II

1

Foi um dia de gloria!—O povo altivo  
Trocou sorrindo as vozes de captivo  
Pelo cantar das festas!  
O leão indomavel do deserto  
Bramio soberbo, dos grilhões liberto,  
No meio das florestas!

Lá no Ypiranga do Brasil o Marte  
Enrolado nas dobras do estandarte  
Erguia o augusto porte;  
Cercada a frente dos laureis da gloria  
Soltou tremendo o brado da victoria:  
—Independencia ou morte!

O santo amor dos corações ardentes  
Achou echo no peito dos valentes  
No campo e na cidade;  
E nos salões—do pescador nos lares,  
Livres soarão hymnos populares  
À voz da liberdade!

II

Annos correrão; — no torrão fecundo  
Ao sol de fogo d'este novo-mundo  
A semente brotou;  
E franca e leda, a geração nascente  
À copa altiva da arvore frondente  
Segura se abrigou!

A roda da bandeira sacrosanta  
Um povo esperançoso se levanta  
Infante e a sorrir!  
A nação do lethargo se desperta,  
E—livre—marcha pela estrada aberta  
Às glórias do porvir!

O paiz, n'alegria todo immerso,  
Velava attente á roda só d'um berço. . .  
Era o vosso, Senhor!  
Vós do tronco feliz doce renovo,  
Vêde agora, Senhor, na voz do povo  
Quão grande é seu amor!

**CANTICOS****POESIA E AMOR**

A tarde que expira,  
A flor que suspira,  
O canto da lyra,  
Da lua o clarão;  
Dos mares na raia  
A luz que desmaia,  
E as ondas na praia  
Lambendo-lhe o chão;

Da noite a harmonia  
Melhor que a do dia,  
E a viva ardentia  
Das aguas do mar;  
A virgem incauta,  
As vozes da flauta,  
E o canto do nauta  
Chorando o seu lar;

Os trémulos lumes,  
Da fonte os queixumes,  
E os meigos perfumes  
Que sóta o vergel;  
As noites brilhantes,  
E os doces instantes  
Dos noivos amantes  
Na lua de mel;

Do templo nas naves  
As notas suaves,  
E o trino das aves  
Saudando o arrebol;  
As tardes estivas,  
E as rosas lascivas  
Erguendo-se altivas  
Aos raios do sol;

A gota de orvalho  
Tremendo no galho  
Do velho carvalho,  
Nas folhas do ingá;  
O bater do seio,  
Dos bosques no meio  
O doce gorgoeio  
D'algum sabiá;

A orphã que chora,  
A flor que se cora  
Aos raios da aurora,  
No albor da manhã;  
Os sonhos eternos,  
Os gosos mais ternos,  
Os beijos maternos,  
E as vozes de irmã;

O sino da torre  
Carpindo quem morre,  
E o rio que corre  
Banhando o chorão;  
O triste que vela  
Cantando á donzella  
A trova singella  
Do seu coração;

A luz da alvorada,  
E a nuvem dourada  
Qual berço de fada  
N'um céu todo azul;  
No lago e nos brejos  
Os fêrvidos beijos  
Eos loucos bafejos  
Das brisas do sul;

Toda essa ternura  
Que a rica natura  
Solettra e murmura  
Nos halitos seus,  
Da terra os encantos,  
Das noites os prantos,  
São hymnos, são cantos  
Que sobem a Deos!

Os trémulos lumes,  
Da veiga os perfumes,  
Da fonte os queixumes,  
Dos prados a flor,  
Do mar a ardentia,  
Da noite a harmonia,  
Tudo isso é — poesia!  
Tudo isso é — amor!

XVI

ORAÇÕES

---

A . . .

---

A alma, como o incenso, ao céu s'eleva  
Da férvida oração nas asas puras,  
E Deus recebe como um longo hosanna  
O cantico de amor das creaturas.

Do throno d'ouro que circumdão anjos  
Sorrindo ao mundo a Virgem-Mãe s'inclina  
Ouvindo as vozes d'innocencia bella  
Dos labios virginaes d'uma menina.

Da tarde morta o murmurar se cala  
Ante a prece infantil, que sobe e vóa  
Fresca e serena qual perfume doce  
Das frescas rosas de gentil corôa.

As doces fallas de tua alma santa  
Valem mais do que eu valho oh! cherubim!  
Quando resares por teu mano, á noite,  
Não t'esqueças tambem—resa por mim!

XVII  
BALSAMO

---

Eu vi-a lacrimosa sobre as pedras  
Rogar-se essa mulher que a dor ferira!  
A morte lhe roubára d'um só golpe  
Marido e filho, encaneceu-lhe a fronte,  
E deixou-a sósinha e desgrenhada  
—Estatua da afflicção aos pés d'um tumulo!—  
O esqualido coveiro p'ra dois corpos  
Ergueo a mesma enxada, e n'essa noite  
A mesma cova os teve!

E a mãe chorava,  
E mais alto que o choro erguia as vozes!

.....

No entanto o sacerdote—fronte branca  
Pelo gêlo dos annos—a seu lado  
Tentava consolal-a.

A mãe afflicta  
Sublime d'esse bello desespero  
As vozes não lhe ouvia; a dor suprema  
Toldava-lhe a razão no duro trance.

« Oh! padre!—disse a pobre s'estorcendo  
Co'a voz cortada dos soluços d'alma—  
« Onde o balsamo, as fallas d'esperança,  
« O allivio á minha dor?! »

Grave e solemne,  
O padre não fallou—mostrou-lhe e céu!

XVIII

DEUS!

---

Eu me lembro! eu me lembro! — Era pequeno  
E brincava na praia; o mar bramia  
E erguendo o dorso altivo, sacudia  
A branca escuma para o céu sereno.

E eu disse a minha mãe n'esse momento:  
« Que dura orchestra! Que furor insano!  
« Que pôde haver maior do que o oceano,  
« Ou que seja mais forte do que o vento?! » —

Minha mãe a sorrir olhou p'ros céos  
E respondeu: — Um Ser que nós não vemos  
« É maior do que o mar que nós tememos,  
« Mais forte que o tufão! meu filho, é — Deus! » —

Dezembro—1858.

---

## LIVRO SEGUNDO

---

La chanson la plus charmante  
Est la chanson des amours!  
V. Hugo

---

### XIX

#### PRIMAVERAS

---

Primavera! juventud del anno,  
Mocidad! primavera della vita.  
METASTASIO.

#### I

A primavera é a estação dos risos,  
Deus fita o mundo com celeste afago,  
Tremem as folhas e palpita o lago  
Da brisa louca aos amorosos frisos.

Na primavera tudo é viço e gala,  
Trinão as aves a canção de amores,  
E doce e bella no tapiz das flores  
Melhor perfume a violeta exhala.

Na primavera tudo é riso e festa,  
Brotão aromas do vergel florido,  
E o ramo verde de manhã colhido  
Enfeita a fronte da aldeã modesta.

A natureza se desperta rindo,  
Um hymno immenso a criação modula,  
Canta a calhandra, a jurity arrulla,  
O mar é calmo porque o céu é lindo.

Alegre e verde se balança o galho,  
Suspira a fonte na linguagem meiga,  
Murmura a brisa:— Como é linda a veiga!  
Responde a rosa:— Como é doce o orvalho!

II

Mas como ás vezes sobre o céu sereno  
Corre uma nuvem que a tormenta guia,  
Tambem a lyra alguma vez sombria  
Sólta gemendo de amargura um threno.

São flores murchas; — o jasmim feneco,  
Mas bafejado s'erguerá de novo  
Bem como o galho do gentil renovo  
Durante a noite, quando o orvalho desce.

Se um canto amargo de ironia cheio  
Treme nos labios do cantor mancebo,  
Em breve a virgem do seu casto enlevo  
Dá-lhe um sorriso e lhe entumesce o seio.

Na primavera — na manhã da vida —  
Deus ás tristezas o sorriso enlaça,  
E a tempestade se dissipa e passa  
Á voz mimosa da mulher querida.

Na mocidade, na estação ferosa,  
Ama-se a vida — a mocidade é crença,  
E a alma virgem n'esta festa immensa  
Canta, palpita, s'extasia e goza.

XX

SCENA INTIMA

---

Como estás hoje zangada  
E como olhas despeitada  
    Só p'ra mim!  
— Ora diz-me: esses queixumes,  
Esses injustos ciumes  
    Não tem fim?

Que pequei eu bem conheço,  
Mas castigo não mereço  
    Por peccar;  
Pois tu queres chamar crime  
Render-me á chamma sublime  
    D'um olhar!

Por ventura te esqueceste  
Quando de amor me perdeste  
    N'um sorrir?  
Agora em colera immensa  
Já queres dar a sentença  
    Sem me ouvir?

E depois, se eu te repito  
Que n'esse instante maldito  
    —Sem querer—  
Arrastado por magia  
Mil torrentes de poesia  
    Fui beber!

Erão uns olhos escuros  
Muito bellos, muito puros,  
    Como os teus!  
Uns olhos assim tão lindos  
Mostrando gozos infindos,  
    Só dos céos!

Quando os vi fulgindo tanto  
Senti no peito um encanto  
    Que não sei!  
Juro fallar-te a verdade...  
Foi de certo—sem vontade—  
    Que eu pequei!

Mas hoje, minha querida,  
Eu dera até esta vida  
    P'ra poupar  
Essas lagrimas queixosas,  
Que as tuas faces mimosas  
    Vêm molhar!

Sabe ainda ser clemente,  
Perdôa um erro innocente  
    Minha flor!  
Seja grande embora o crime  
O perdão sempre é sublime  
    Meu amor!

Mas se queres com maldade  
Castigar quem—sem vontade—  
    Só peccou;  
Olha, linda, eu não me queixo,  
A teus pés cahir me deixo...  
    Aqui 'stou!

Mas se me deste, formosa,  
De amor na taça mimosa  
Doce mel;  
Ail deixa que peça agora  
Esses extremos d'outr'ora  
O infiel:

Prende-me... n'esses teus braços  
Em doces, longos abraços  
Com paixão;  
Ordemna com gesto altivo...  
Que te beije este captivo  
Essa mão!

Mata-me sim... de ventura,  
Com mil beijos de ternura  
Sem ter dó,  
Que eu prometo, anjo querido,  
Não desprender um gemido,  
Nem um só!

## XXI

### JURAMENTO

---

Tu dizes oh Mariquinhas  
Que não crês nas juras minhas,  
Que nunca cumpridas são!  
Mas se eu não te jurei nada,  
Como hasde tu estouvada,  
Saber se eu as cumpro ou não?!

Tu dizes que eu sempre minto,  
Que protesto o que não sinto,  
Que todo o poeta é vario,  
Que é borboleta inconstante;  
Mas agora, n'este instante,  
Eu vou provar-te o contrario.

Vem cá, sentada a meu lado,  
Com esse rosto adorado  
Brilhante de sentimento,  
Ao collo o braço cingido,  
Olhar no meu embebido,  
Escuta o meu juramento.

Espera:—inclina essa fronte..,  
Assim!...—Pareces no monte  
Alvo lyrio debruçado!  
—Agora, se em mim te fias,  
Fica seria, não te rias,  
O juramento é sagrado.

« — Eu juro sobre estas tranças,  
« E pelas chammas que lanças  
« D'esses teus olhos divinos;  
« Eu juro, minha innocente,  
« Embalar-te docemente  
« Ao som dos mais ternos hymnos!

« Pelas ondas, pelas flores,  
« Que se estremecem de amores  
« Da brisa ao sôpro lascivo;  
« Eu juro, por minha vida,  
« Deitar-me a teus pés querida  
« Humilde como um captivo!

« Pelos lyrios, pelas rosas,  
« Pelas estrellas formosas,  
« Pelo sol que brilha agora,  
« — Eu juro dar-te, Maria,  
« Quarenta beijos por dia  
« E dez abraços por hora! »

O juramento está feito,  
Foi dito com a mão no peito  
Apontando ao coração;  
E agora — por vida minha,  
Tu verás oh! moreninha,  
Tu verás se o cumpro ou não!...

## PERFUMES E AMOR

NA PRIMEIRA FOLHA D'UM ALBUM

A flor mimosa que abrilhanta o prado  
Ao sol nascente vai pedir fulgor;  
E o sol!, abrindo da açucena as folhas,  
Dá-lhe perfumes — e não nega amor.

Eu que não tenho, como o sol, seus raios,  
Embora sinta n'esta fronte ardor,  
Sempre quizera ao encetar teu album  
Dar-lhe perfumes — desejar-lhe amor.

Meu Deos! nas folhas d'este livro puro  
Não manche o pranto da innocencia o alvor,  
Mas cada canto que cahir dos labios  
Traga perfumes — e murmure amor.

Aqui se junte, qual n'um ramo santo,  
Do nardo o aroma e da camelia a cor,  
E possa a virgem, percorrendo as folhas  
Sorver perfumes — respirar amor.

Encontre a bella, caprichosa sempre,  
Nos ternos hymnos d'infantil frescor  
Entrelaçados na grinalda amiga  
Doces perfumes — e celeste amor.

Talvez que diga, recordando tarde

O doce anelo do feliz cantor :

— « Meu Deus ! nas folhas do meu livro d'alma

Sobrão perfumes — e não falta amor ! »

Junho—1858.

## SEGREDOS

Eu tenho uns amores — quem é que os não tinha  
Nos tempos antigos? — Amar não faz mal;  
As almas que sentem paixão como a minha  
Que digão, que fallem em regra geral.

— A flor dos meus sonhos é moça e bonita  
Qual flor entr'aberta do dia ao raiar,  
Mas onde ella mora, que casa ella habita,  
Não quero, não posso, não devo contar!

Seu rosto é formoso, seu talhe elegante.  
Seus labios de rosa, a falla é de mel,  
As tranças compridas, qual livre bachante,  
O pé de criança, cintura de anel;

— Os olhos rasgados são cor das saphyras  
Serenos e puros, azues como o mar;  
Se fallão sinceros, se pregão mentiras,  
Não quero, não posso, não devo contar!

Oh! hontem no baile com ella walsando  
Senti as delicias dos anjos do céu!  
Na dança ligeira qual sylpho voando  
Cahio-lhe do rosto seu candido véo!

— Que noite e que baile! — Seu halito virgem  
Queimava-me as faces no louco walsar,  
As fallas sentidas que os olhos fallavão  
Não posso, não quero, não devo contar!

Depois indolente firmou-se em meu braço,  
Fugimos das salas, do mundo talvez!  
Inda era mais bella rendida ao cansaço  
Morrendo de amores em tal languidez!

— Que noite e que festa! e que languido rosto  
Banhado ao reflexo do branco luar!  
A neve do collo e as ondas dos seios  
Não quero, não posso, não devo contar!

A noite é sublime! — Tem longos queixumes,  
Misterios profundos que eu mesmo não sei:  
Do mar os gemidos, do prado os perfumes,  
De amor me matarão, de amor suspirei!

— Agora eu vos juro... Palavra! não minto!  
Ouvi-a formosa tambem suspirar;  
Os doces suspiros que os éccos ouvirão  
Não quero, não posso, não devo contar!

Então n'esse instante nas aguas do rio  
Passava uma barca, e o bom remador  
Cantava na flauta: — « Nas noites d'estio  
O céo tem estrellas, o mar tem amor! » —

— E a voz maviosa do bom gondoleiro  
Repete cantando: — « viver é amar! » —  
Se os peitos respondem á vóz do barqueiro...  
Não quero, não posso, não devo contar!

Trememos de medo... a bocca emmudece  
Mas sentem-se os pulos do meu coração!  
Seu seio nevado de amor se entumece..  
E os labios se tocão no ardor da paixão!

— Depois... mas já vejo que vós, meus senhores,  
Com fina malicia quereis me enganar.  
Aqui faço ponto; — segredos de amores  
Não quero, não posso, não devo contar!

XXIV

CLARA

---

Não sabes Clara que pena  
Eu teria se — morena  
Tu fosses em vez de *clara*!  
Talvez... Quem sabe?... não digo...  
Mas reflectindo comigo  
Talvez nem tanto te amára!

A tua cor é mimosa,  
Brilha mais da face a rosa,  
Tem mais graça a bocca breve.  
O teu sorriso é delirio...  
És alva da cor do lyrio,  
És *clara* da cor da neve!

A morena é predilecta,  
Mas a *clara* é do poeta:  
Assim se pintão archanjos.  
Qualquer, encantos encerra,  
Mas a morena é da terra  
Emquanto a *clara* é dos anjos!

Mulher morena é ardente:  
Prende o amante demente  
Nos fios do seu cabello;  
— A *clara* é sempre mais fria,  
Mas da-me licença um dia  
Que eu vou arder no teu gêlo!

A cor morena é bonita,  
Mas nada, nada te imita  
Nem mesmo sequer de leve.  
— O teu sorriso é delírio...  
És alva da cor do lyrio,  
És clara da cor da neve!

Rio — 1838.

**A WALSA**

A. M. \*\*\*

Tu, hontem,  
Na dança  
Que cança,  
Voavas  
Co'as faces  
Em rosas  
Formosas  
De vivo,  
Lascivo  
Carmim ;  
Na walsa  
Tão falsa,  
Corrias,  
Fugias,  
Ardente,  
Contente,  
Tranquilla,  
Serena,  
Sem pena  
De mim!

Quem dera  
Que sintas  
As dores

De amores  
Que louco  
Senti!  
Quem dera  
Que sintas!...  
— Não negues,  
Não mintas...  
— Eu vi!...

Walsavas:  
— Teus bellos  
Cabellos,  
Já sóltos,  
Revoltos,  
Saltavão,  
Voavão,  
Brincavão  
No collo  
Que é meu;  
E os olhos  
Escuros  
Tão puros,  
Os olhos  
Perjuros  
Volvias,  
Tremias,  
Sorrias  
P'ra outro  
Não eu!

Quem dera  
Que sintas  
As dores

De amores  
Que louco  
Senti!  
Quem dera  
Que sintas!...  
— Não negues,  
Não mintas...  
— Eu vi!...

Meu Deos!  
Eras bella  
Donzella,  
Walsando,  
Sorrindo,  
Fugindo,  
Qual sylpho  
Risonho  
Que em sonho  
Nos vêm!  
Mas esse  
Sorriso  
Tão liso  
Que tinhas  
Nos labios  
De rosa,  
Formosa,  
Tu davas,  
Mandavas  
A quem?!

Quem dera  
Que sintas  
As dores

De amores  
Que louco  
Senti!  
Quem dera  
Que sintas! . . .  
— Não negues,  
Não mintas. . .  
— Eu vi. . .

Calado,  
Sosinho,  
Mesquinho,  
Em zelos  
Ardendo,  
Eu vi-te  
Correndo  
Tão falsa  
Na walsa  
Veloz!  
Eu triste  
Vi tudo!  
Mas mudo  
Não tive  
Nas galas  
Das salas,  
Nem fallas,  
Nem cantos,  
Nem prantos  
Nem voz!

Quem dera  
Que sintas  
As dores

De amores  
Que louco  
Senti!  
Quem dera  
Que sintas! . . .  
— Não negues,  
Não mintas. . .  
— Eu vi!

Na walsa  
Cançaste;  
Ficaste  
Prostrada,  
Turbada!  
Pensavas,  
Scismavas,  
E estavas  
Tão pallida  
Então;  
Qual pallida  
Rosa  
Mimosa,  
No valle  
Do vento  
Cruento  
Batida,  
Cahida  
Sem vida  
No chão!

Quem dera  
Que sintas  
As dores

De amores  
Que louco  
Senti!  
Quem dera  
Que sintas!...  
— Não negues,  
Não mintas...  
— Eu vi!...

Rio — 1858

**BORBOLETA**

---

Borboleta dos amores,  
Como a outra sobre as flores,  
Porque és voluvel assim?  
Porque deixas, caprichosa,  
Porque deixas tu a rosa  
E vais beijar o jasmim?

Pois essa alma é tão sedenta  
Que um só amor não contenta  
E louca quer variar?  
Se já tens amores bellos,  
P'ra que vais dar teus desvelos  
Aos goivos da beira-mar?

Não sabes que a flor trahida  
Na debil haste pendida  
Em breve murcha será?  
Que de ciumes fenece  
E nunca mais estremece  
Aos beijos que a brisa dá?...

Borboleta dos amores,  
Como a outra sobre as flores,  
Porque és voluvel assim?  
Porque deixas, caprichosa,  
Porque deixas tu a rosa  
E vais beijar o jasmim.?!

Tu vês a flor da campina,  
E bella e terna e divina,  
Tu dás-lhe o que essa alma tem;  
Depois, passado o delirio,  
Esqueces o pobre lyrio  
Em troca d'uma cecêm!

Mas tu não sabes, louquinha,  
Que a flor que pobre definha  
Merece mais compaixão?  
Que a desgraçada precisa,  
Como do sópro da brisa,  
Os ais do teu coração?

Borboleta dos amores,  
Como a outra sobre as flores,  
Porque és volúvel assim?  
Porque deixas caprichosa,  
Porque deixas tu a rosa  
E vais beixar o jasmim?

Se a borboleta dourada  
Esquece a rosa encarnada  
Em troca d'uma outra flor;  
Ella — a triste, mollemente  
Pendida sobre a corrente,  
Fallece á mingoa d'amor,

Tu também minha inconstante  
Tens tido mais d'um amante  
E nunca amaste a um só!  
Elles morrem de saudade,  
Mas tu na *variedade*  
Vais vivendo e não tens dô!

Ai! és muito caprichosa!  
Sem pena deixas a rosa  
E vais beijar outras flores;  
Esqueces os que te amão...  
Por isso todos te chamão:  
— Borboleta dos amores!

Rio—1858.

XXVII

QUANDO TU CHORAS

---

Quando tu choras, meu amor, teu rosto  
Brilha formoso com mais doce encanto,  
E as leves sombras de infantil desgosto  
Tornão mais bello o crystalino pranto,

Oh! n'essa idade da paixão lasciva  
Como o prazer, é o chorar preciso:  
Mas breve passa — qual a chuva estiva —  
Equasi ao pranto se mistura o riso.

É doce o pranto de gentil donzella,  
É sempre bello quando a virgem chora:  
— Semelha a rosa pudibunda e bella  
Toda banhada do orvalhar da aurora.

Da noite o pranto, que tão pouco dura,  
Brilha nas folhas como um rir celeste,  
E a mesma gotta transparente e pura  
Treme na relva que a campina veste.

Depois o sol, como sultão brilhante,  
De luz inunda o seu gentil serralho,  
E ás flores todas — tão feliz amante! —  
Cioso sorve o matutino orvalho.

Assim, se choras, inda és mais formosa,  
Brilha teu rosto com mais doce encanto:  
— Serei o sol e tu serás a rosa...

Chora, meu anjo, — beberei teu pranto!

XXVIII

CANTO DE AMOR

---

A M. \*\*\*

---

I

Eu vi-a e minha alma antes de vê-la  
Sonhára-a linda como agora a vi;  
Nos puros olhos e na face bella,  
Dos meus sonhos a virgem conheci.

Era a mesma expressão, o mesmo rosto,  
Os mesmos olhos só nadando em luz,  
E uns doces longes, como d'um desgosto,  
Toldando a fronte que de amor seduz!

E seu talhe era o mesmo, esbelto, airoso  
Como a palmeira que se ergue ao ar,  
Como a tulipa ao pôr-do-sol saudoso,  
Molle vergando á viração do mar.

Era a mesma visão que eu dantes via,  
Quando a minha alma transbordava em fé;  
E nesta eu creio como na outra eu cria,  
Porque é a mesma vizão, bem sei que é!

No silencio da noite a virgem vinha  
Sóltas as tranças junto a mim dormir;  
E era bella, meu Deus, assim sosinha  
No seu somno d'infante inda a sorrir!...

.....

II

Vi-a e não vi-a! Foi n'um só segundo,  
Tal como a brisa ao perpassar na flor,  
Mas n'esse instante resumi um mundo  
De sonhos de ouro e de encantado amor.

O seu olhar não me cobrio d'affago,  
E minha imagem nem se-quer guardou.  
Qual se reflecte sobre a flor d'um lago  
A branca nuvem que no céu passou.

A sua vista esparecendo vaga,  
Quasi indolente, não me vio, ai, não!  
Mas eu que sinto tão profunda a chaga  
Ainda a vejo como a vi então.

Que rosto d'anjo, qual estatua antiga  
No altar erguida, já cahido o véo!  
Que olhar de fogo, que a paixão instiga!  
Que niveo collo promettendo um céu.

Vi-a e amei-a, que a minha alma ardente  
Em longos sonhos a sonhára assim;  
O ideal sublime, que eu criei na mente,  
Que em vão buscava e que encontrei por fim!

III

P'ra ti, formosa, o meu sonhar de louco  
E o dom fatal, que desde o berço é meu;  
Mas se os cantos da lyra achares pouco.  
Pede-me a vida, porque tudo é teu.

Se queres culto — como um crente adoro,  
Se preito queres — eu te caio aos pés,  
Se rires — rio, se chorares — choro,  
E bebo o pranto que banhar-te a tez.

Dá-me em teus labios um sorrir fagueiro,  
E d'esses olhos um volver, um só;  
E verás que meu éstro, hoje rasteiro,  
Cantando amores s'erguerá do pó!

Vem reclinar-te, como a flor pendida,  
Sobre este peito cuja voz calei:  
Pede-me um beijo... e tu terás, querida,  
Toda a paixão que para ti guardei.

Do morto peito vem turbar a calma,  
Virgem, terás o que ninguem te dá;  
Em delirios d'amor dou-te a minha alma,  
Na terra, a vida, a eternidade—lá!

IV

Se tu, oh linda, em chamma igual te abrasas,  
Oh! não me tardes, não me tardes, — vem!  
Da fantasia nas douradas azas  
Nós viveremos n'outro mundo — além!

De bellos sonhos nosso amor povôo,  
Vida bebendo nos olhares teus;  
E como a garça que levanta o vôo,  
Minha alma em hymnos fallará com Deus!

Juntas, unidas n'um estreito abraço,  
As nossas almas uma só serão;  
E a fronte enferma sobre o teu regaço  
Criará poêmas d'immortal paixão!

Oh! vem, formosa, meu amor é santo,  
É grande e bello como é grande o mar,  
E doce e triste como d'harpa um canto  
Na corda extrema que já vai quebrar!

Oh! vem depressa, minha vida foge...  
Sou como o lyrio que já murcho cahe!  
Ampara o lyrio que inda é tempo hoje!  
Orvalha o lyrio que morrendo vai!...

Rio = 1838.

---

XXIX

VIOLETA

---

Sempre teu labio severo  
Me chama de borboleta!  
—Se eu deixo as rosas do prado  
É só por ti—violeta!

Tu és formosa e modesta,  
As outras são tão vaidosas!  
Embora vivas na sombra  
Amo-te mais do que ás rosas.

A borboleta travêssa  
Vive de sol e de flores...  
—Eu quero o sol de teus olhos,  
O nectar dos teus amores!

Captivo de teu perfume  
Não mais serei borboleta;  
Deixa eu dormir no teu seio,  
Dá-me o teu mel—violeta!

4 de Abril.

---

XXX

O QUE ?

---

Em que scismas, poeta? Que saudades  
Te adormecem na magica fragancia  
Das rosas do passado já pendidas?  
Nos sonhos d'alma que te lembra?

— A infancia?

Que sombra, que fantasma vem banhado  
No doce effluvio d'essa quadra linda?  
E a mente a folhear os dias idos  
Que nome te recorda agora?

— Arinda!

Mas se passa essa quadra, fugitiva,  
Qual no horisonte solitaria vela,  
Porque scismar na vida e no passado?  
E de quem são essas saudades?

— D'ella!

E se a virgem viesse agora mesmo  
Surgindo bella qual visão de amores,  
Tu, p'ra saudal-a bem do imo d'alma  
Diz-me, poeta — o que escolhias?

— Flores.

E se ella, farta dos aromas doces  
Que tem achado nos jardins divinos,  
Tão caprichosa machucasse as rosas...  
Diz-me, meu louco, o que mais tinhas?

— Hymnos!

E se, teimosa, rejeitando a lyra,  
A fronte virgem para ti pendida,  
D'um beijo a paga te pedisse altiva...  
O que lhe davas, meu poeta ?

— A vida !

Rio — 1858.

XXXI

SONHOS DE VIRGEM

A M. \* \* \*

I

Que sonhas, virgem, nos sonhos  
Que á mente te vem risonhos  
Na primavera inda em flor?  
No celeste devaneio,  
No doce bater do seio,  
Que sonhas virgem? — amor?

Que céos, que jardins, que flores,  
Que longos cantos de amores  
Nos lindos sonhos te vem?  
E quando a mente delira,  
E quando o peito suspira,  
Suspira o peito — por quem?

Sonhando mesmo acordada,  
Pendida a fronte adorada  
N'um scismar vago e sem fim;  
Do olhar o fogo tão vivo,  
A voz, o riso lascivo,  
O pensamento é — por mim?!

II

Quando tu dormes tranquilla,  
Cerrada a negra pupilla  
E o labio doce a sorrir ;  
Então o sonho dourado  
Nas dobras do cortinado  
Vem esmaltar teu dormir !

Oh ! sonha ! — Feliz a idade  
Das rosas da virgindade,  
Dos sonhos do coração !  
— Puro vergel de açucenas  
Ou lago d'agoas serenas  
Que estremece á viração !

Feliz ! Feliz quem podera  
Colher-te na primavera  
De galas rica e louçã !  
Feliz oh ! flor dos amores,  
Quem te beber os odores  
Nos orvalhos da manhã !

XXXII

ASSIM!

—  
A M. \* \* \*

—  
Viste o lyrio da campina?  
Lá s'inclina  
E murcho no hastil pendeu!  
— Viste o lyrio da campina?  
Pois, divina,  
Como o lyrio assim sou eu!

Nunca ouviste a voz da flauta,  
A dor do nauta  
Suspirando no alto mar?  
— Nunca ouviste a voz da flauta?  
Como o nauta  
E' tão triste o meu cantar!

Não viste a rôla sem ninho  
No caminho  
Gemendo, se a noite vem?  
— Não viste a rola sem ninho?  
Pois, anjinho,  
Assim eu gemo, tambem!

Não viste a barca perdida,  
Sacudida  
Nas azas d'algum tufão?  
— Não viste a barca fendida?  
Pois querida  
Assim vai meu coração!

Rio — 1838

XXXIII

QUANDO ?! . . .

---

Não era bello, Maria,  
Aquelle tempo de amores,  
Quando o mundo nos sorria,  
Quando a terra era só flores  
Da vida na primavera?

— Era !

Não tinha o prado mais rosas,  
O sabiá mais gorgeios,  
O céo mais nuvens formosas,  
E mais puros devaneios  
A tua alma innocentinha?

— Tinha !

E como achavas, Maria,  
Aquelles doces instantes  
De poetica harmonia  
Em que as brisas doudejantes  
Folgavão nos teus cabellos?

— Bellos !

Como tremias oh ! vida,  
Se em mim os olhos fitavas !  
Como eras linda, querida,  
Quando d'amor suspiravas  
N'aquella encantada aurora !

— Ora !

E diz-me: não te recordas

— Debaixo do cajueiro —

Lá da lagôa nas bordas

Aquelle beijo primeiro?

Ia o dia já findando...

— Qando?!...

Rio—1858.

XXXIV

SEMPRE SONHOS! . . .

---

Se eu tivesse, meu Deus, santos amores,  
Eu m'erguera cantando essa paixão,  
E atirára p'ra longe — sem saudade —  
Este véo que me cobre a mocidade  
De tanta escuridão!

Eu que sou como o cardo do rochedo  
Quasi morto dos ventos ao rigor,  
Encontrára de novo a minha vida,  
O sol da primavera e a luz perdida,  
Nos braços d'esse amor!

Minha frente, que pende soffredora  
Acharia, meu Deus, inspirações,  
E o fogo que queimou Gilbert e Dante  
Correria mais puro e mais constante  
Na lyra das canções!

No mundo tão gentil dos devaneios  
Minh'alma mais feliz saudára a luz.  
E apagára, Senhor, n'um beijo puro  
A dor immensa da perda do futuro  
Que á morte me couduz.

Por ella eu deixaria a voz das turbas  
E esta ancia infeliz de gloria vã;  
Na vida que nos corre tão sombria  
Eu seria, meu Deus, seu doce guia,  
E ella — minha irmã!

Eu velára, Senhor, pelos seus dias,  
Como a mãe vela o filho que dormio :  
Se um dia ella soltasse um só gemido,  
Eu iria saber porque ferido  
Seu seio assim bolio !

Como á sombra das arvores da patria  
S'embala a doce filha dos tupis,  
A sombra da ventura e da esperança  
Embalára, meu Deus, essa criança  
Nos cantos juvenis!

Como o nauta olha o céu de primavera,  
Eu, sentado a seus pés, ebrio de amor,  
Espreitára tremendo no seu rosto  
A sombra fugitiva d'um desgosto,  
A nuvem d'uma dor!

Eu lhe iria mostrar nos hymnos d'alma  
Outro mundo, outro céu, outros vergeis ;  
Nossa vida seria um doce affago,  
Nós—dois cysnes vogando em manso lago,  
— Amor — nossos batéis!

---

Se eu tivesse, meu Deus santos amores,  
Eu deixára este amor da gloria vã;  
N'esse mundo de luz, doce e risonho,  
A pudibunda virgem do meu sonho  
Seria minha irmã!

## O QUE É—SYMPATHIA

A UMA MENINA

Sympathia—ô o sentimento  
Que nasce n'um só momento,  
Sincero, no coração;  
São dois olhares accesos  
Bem juntos, unidos, presos  
N'uma magica attração.

Sympathia — são dois galhos  
Banhados de bons orvalhos  
Nas mangueiras do jardim ;  
Bem longe ás vezes nascidos,  
Mas que se juntão crescidos  
E que se abração por fim.

São duas almas bem gêmeas  
Que riem no mesmo riso,  
Que chorão nos mesmos ais;  
São vozes de dois amantes,  
Duas lyras semelhantes,  
Ou dois poêmas iguaes.

Sympathia — meu anjinho,  
É o canto do passarinho,  
É o doce aroma da flor;  
São nuvens d'um céu d'Agosto,  
É o que m'inspira teu rosto...  
— Sympathia — é — quasi amor!

Inday'assú — 1867.

XXXVI

**PALAVRAS NO MAR**

---

Se eu fosse amado!...  
Se um rosto virgem  
Doce vertigem  
Me d'esse n'alma  
Turbando a calma  
Que me enlanguece!...  
Oh! se eu pudesse  
Hoje — se-quer —  
Fartar desejos  
Nos longos beijos  
D'uma mulher!...  
Se o peito morto  
Doce conforto  
Sentisse agora  
Na sua dor;  
Talvez n'est'hora  
Viver quizera  
Na primavera  
De casto amor!  
Então minh'alma,  
Turbada a calma,  
— Harpa vibrada  
Por mão de fada —  
Como a calhandra  
Saúda o dia,  
Em meigos cantos

Se exhalaria  
Na melodia  
Dos sonhos meus;  
E louca e terna  
N'essa vertigem  
Amára a virgem  
Cantando a Dens!...

Avon — 1857.

— 86 —

XXXVII

PEPITA

A toi! toujours a toi!  
V. HUGO.

Minh'alma é mundo virge'—ilha perdida—

Em lagos de crystaes;

Vem, Pepita,—Colombo dos amores,—

Vem descobril-o, no paiz das flores

Sultana reinarás!

Eu serei teu vassallo e teu captivo

Nas terras onde és rei;

A sombra dos bambús vem tu ser minha;

Teu reinado de amor, doce rainha,

Na lyra cantarei.

Minh'alma é como o pombo inda sem pennas

Sosinho a pipilar;

—Vem tu, Pepita, visital-o ao ninho;

As azas a bater, o possarinho

Comtigo irá voar.

Minh'alma é como a rocha toda esteril

Nos plainos do Sarah;

Vem tu—fada de amor—dar-lhe co'a vara...

—Qual do penedo que Moysés tocára

O jorro saltará.

Minh'alma é um livro lindo encadernado,  
Co'as folhas em setim;  
— Vem tu, Pepita, soletral-o um dia. . .  
Tem poêmas de amor, tem melodia  
Em canticos sem fim!

Minh'alma é o batel pendido á margem  
Sem leme, em ocio vil;  
— Vem soltal-o, Pepita, e correremos  
— Sôltas as velas — despresando remos,  
Que o mar é todo anil.

Minh'alma é um jardim occulto em sombras  
Co'as flores em botão;  
— Vem ser da primavera o sópro louco,  
Vem tu, Pepita, bafejar-me um pouco  
Que as rosas abrirão.

O mundo em que eu habito tem mais sonhos,  
A vida mais prazer;  
— Vem, Pepita, das tardes no remanso,  
Da rêde dos amores no balanço  
Comigo adormecer.

Oh! vem! eu sou a flor aberta á noite  
Pendida no arrebol!  
Dá-me um carinho d'essa voz lasciva,  
E a flor pendida s'erguerá mais viva  
Aos raios d'esse sol!

Bem vês, sou como a planta que desinha  
Torrada do calor.  
— Dá-me o riso feliz em vez da magoa. . .  
O lyrio morto quer a gotta d'agoa,  
— Eu quero o teu amer!

XXXVIII

VISÃO

---

Uma noite, meu Deus, que noite aquella!  
Por entre as galas, no fervor da dança,  
Vi passar, qual n'um sonho vaporoso,  
O rosto virginal d'uma criança.

Sorri-me;—era o sonho de minh'alma  
Esse riso infantil que o labio tinha:  
— Talvez que essa alma dos amores puros  
Podesse um dia conversar co'a minha!

Eu olhei, ella olhou... doce misterio!  
Minh'alma despertou-se á luz da vida,  
E as vozes d'uma lyra e d'um piano  
Juntas se unirão na canção querida.

Depois eu indolente descuidei-me  
Da planta nova dos gentis amores,  
E a criança correndo pela vida,  
Foi colher nos jardins mais lindas flores.

Não voltou;—talvez ella adormecesse  
Junto á fonte, deitada na verdura,  
E—sonhando—a criança se recorde  
Do moço que ella vio e que a procura!

Corri pelas campinas noite e dia  
Atraz do berço d'ouro d'essa fada;  
Rasguei-me nos espinhos do caminho...  
Cancei-me a procurar e não vi nada!

Agora como um louco eu fito as turbas  
Sempre a ver se descubro a face linda...

—Os outros a sorrir paixão cantando,  
Só eu a suspirar procuro ainda!

Onde foste, visão dos meus amores!  
Minh'alma sem te ver louca suspira!

—Nunca mais unirás, sombra encantada,  
O som do teu piano à voz da lyra?!

Setembro—1858.

— 20 —

XXXIX

QUEIXUMES

Olho e vejo... tudo é gala,

Tudo canta e tudo falla,

Só minh'alma

Não se acalma,

Muda e triste não se ri!

Minha mente já delira,

E meu peito só suspira

Por ti! Por ti!

Ai! quem me dera essa vida

Tão bella e doce vivida

Nos meus lares

Sem pezares

No socêgo só d'alli!

Não tinha-te visto as tranças,

Nem rasgado as esperanças

Por ti! Por ti!

Perdi as flores da idade,

E na flor da mocidade

É meu canto

— Todo pranto —

Qual a voz da jurity!

No teu sorriso embebido

Deixei meu sonho querido

Por ti! Por ti!

Ail se eu podesse, formosa,  
Roçar-te os labios de rosa  
    Como ás flores  
    — Seus amores —  
Faz o louco colibri;  
Esta minh'alma nos hymnos  
Erguera cantos divinos  
    Por ti! Por ti!

Ai! assim viver não posso  
Morrerei, meu Deus, bem moço,  
    — Qual n'aurora  
    Que descora,  
Desfolhado bogari;  
Mas lá da campa na beira  
Será a voz derradeira  
    Por ti! Por ti!

Ai! não m'esqueças já morto!  
À minh'alma dá conforto,  
    Diz na lousa:  
    — « Elle repousa,  
    « Coitado! descança aqui! »  
Ai! não te esqueças, senhora,  
Da flor pendida n'aurora  
    Por ti! Por ti!

XL

AMOR E MEDO

I

Quanto eu te fujo e me desvio cauto  
Da luz de fogo que te cerca, oh! bella,  
Comtigo dizes, suspirando amores:  
«—Meu Deus! que gêlo, que frieza aquella!»

Como te enganas! meu amor é chama  
Que se alimenta no voraz segredo,  
E se te fujo é que te adoro louco...  
És bella—eu moço; tens amor—eu medo!..

Tenho medo de mim, de ti, de tudo,  
Da luz, da sombra, do silencio ou vozes,  
Das folhas seccas, do chorar das fontes,  
Das horas longas a correr velozes.

O véo da noite me atormenta em dores,  
A luz da aurora me entumesce os seios,  
E ao vento fresco do cair das tardes  
Eu me entumeço de crueis receios.

É que esse vento que na varzea—ao longe,  
Do colmo o fumo caprichoso ondêa,  
Soprando um dia tornaria incendio  
A chamma viva que teu riso atêa!

Ai! se abrasado crepitasse o cedro,  
Cedendo ao raio que a tormenta envia,  
Diz:—que seria da plantinha humilde  
Que á sombra delle tão feliz crescia?

A labareda que se enrosca ao tronco  
Torrára a planta qual queimára o galho,  
E a pobre nunca reviver podéra  
Chovesse embora paternal orvalho!

II

Ai! se eu te visse no calor da sesta,  
A mão tremente no calor das tuas,  
Amarrotado o teu vestido branco,  
Sóltos cabellos nas espaduas nuas!...

Ai! se eu te visse, Magdalena pura,  
Sobre o velludo reclinada a meio,  
Olhos cerrados na volupia doce,  
Os braços frouxos — palpitante o seio!...

Ai! se eu te visse em languidez sublime,  
Na face as rosas virginaes do pejo,  
Trémula a falla a protestar baixinho...  
Vermelha a bocca, soluçando um beijo!...

Diz: — que seria da pureza d'anjo,  
Das vestes alvas, do candor das azas?  
— Tu te queimáras, a pizar descalça,  
— Criança louca, — sobre um chão de brasas!

No fogo vivo eu me abrasára inteiro!  
Ebrio e sedento na fugaz vertigem  
Vil, machucára com meu dedo impuro  
As pobres flores da grinalda virgem!

Vampiro infame, eu sorveria em beijos  
Toda a innocencia que teu labio encerra,  
E tu serias no lascivo abraço  
Anjo enlodado nos paúes da terra.

Depois... desperta no febril delirio,  
—Olhos pisados—como um vão lamento,  
Tu perguntáras:—qu'ê da minha c'rôa?...  
E te diria:—desfolhou-a o vento!...

---

Oh! não me chames coração de gêlo!  
Bem vês: trahi-me no fatal segredo.  
Se de ti fujo é que te adoro e muito,  
Ês bella—eu moço; tens amor, eu—medo!...

Outubro—1858

XLI

PERDÃO !

I

Choraste ? ! — E a face mimosa  
Perdeu as cores da rosa  
E o seio todo tremeo ? !  
Choraste, pomba adorada ? !  
E a lagrima crystalina  
Banhou-te a face divina  
E a bella fronte inspirada  
Pallida e triste pendeo ? !

Choraste ? ! — E longe não pude  
Sorver-te a lagrima pura  
Que banhou-te a formosura !  
Ouvir-te a voz de alaúde  
A lamentar-se sentida !  
Humilde cahir-te aos pés,  
Offerecer-te esta vida  
No sacrificio mais santo,  
Para poupar esse pranto  
Que te rolou sobre a tez !

Choraste ? ! — De envergonhada,  
No teu pudor offendida,  
Porque minh'alma atrevida  
No seu palacio de fada,

— No sonhar da fantasia —  
Ardeo em loucos desejos,  
Ouso cobrir-te de beijos  
E quiz manchar-te na orgia !

.....

II

Perdão p'r'o pobre demente  
Culpado, sim, — innocente —  
Que se te amou, foi de mais !  
Perdão p'ra mim que não pude  
Calar a voz do alaúde,  
Nem comprimir os meus ais !

Perdão oh ! flor dos amores,  
Se quiz manchar-te os verdores,  
Se quiz tirar-te do hastil !  
— Na voz que a paixão resume  
Tentei sorver-te o perfume...  
E fui covarde e fui vil !..

.....

III

Eu sei, devêra sosinho  
Soffrer comigo o tormento  
E na dor do pensamento  
Devorar essa agonia !

— Devêra, sedento algoz,  
Em vez de sonhos felizes,  
Cortar no peito as raizes  
D'esse amor, e tão descrido  
Dos hymnos matar-lhe a voz!  
— Devêra, pobre fingido,  
Tendo n'alma atroz desgosto,  
Mostrar sorrisos no rosto,  
Em vez de magoas — prazer,  
E mudo e triste e penando,  
Como um perdido te amando,  
Sentir, calar-me e — morrer!

.....  
Não pude! — A mente fervia,  
O coração trasbordava,  
Interna voz me fallava,  
E louco ouvindo a harmonia  
Que a alma continha em si,  
Soltei na febre o meu canto  
E do delirio no pranto  
Morri de amores — por ti!

IV

.....  
Perdão! se fui desvairado  
Manchar-te a flor d'innocencia,  
E do meu canto n'ardencia  
Ferir-te no coração!  
— Será enorme o peccado,

Mas tremenda a expiação  
Se me deres por sentença  
Da tua alma a indiferença,  
Do teu labio a maldição!...

.....

Perdão, senhora!... Perdão!...

Junho—1858.

## MOCIDADE

Ninon, Ninon, que fais tu de la vie?  
 L'heure s'enfuit, le jour succède au jour.  
 Rose ce soir, demain flétrie,  
 Comment vis-tu, toi qui n'as pas d'amour?! . . .

MUSSET.

Doce filha da languida tristeza  
 Ergue a fronte pendida — o sol fulgura!  
 Quando a terra sorri-se e o mar suspira  
 Porque te banha o rosto essa amargura?!

Porque chorar quando a natura é risos.  
 Quando no prado a primavera é flores?  
 — Não foge a rosa quando o sol a busca  
 Antes se abrasa nos gentis fulgores.

Não! — Viver é amar, é ter um dia  
 Um amigo, uma mão que nos affague;  
 Uma voz que nos diga os seus queixumes,  
 Que as nossas magoas com amor apague.

A vida é um deserto aborrecido  
 Sem sombra doce, ou viração calmante;  
 — Amor — é a fonte que nasceo nas pedras  
 E mata a sêde á caravana errante.

Amai-vos! — disse Deus creando o mundo,  
 Amemos! — disse Adão no paraiso,  
 Amor! — murmura o mar nos seus queixumes,  
 Amor! — repete a terra n'um sorriso!

Doce filha da languida tristeza  
Tua alma a suspirar de amor definha...  
—Abre os olhos gentis á luz da vida,  
Vem ouvir no silencio a voz da minha!

Amemos! Este mundo é tão tristonho!  
A vida, como um sonho — brilha e passa;  
Porque não havemos p'ra acalmar as dores  
Chegar aos labios o licor da taça?

O mundo! o mundo! — E que te importa o mundo?  
— Velho invejoso, a resmungar haixinho!  
Nada perturba a paz serena e doce  
Que as rôlas gosão no seu casto ninho.

Amemos! — tudo vive e tudo canta...  
Cantemos! seja a vida — hymnos e flores;  
De azul se veste o céu... vistamos ambos  
O manto perfumado dos amores.

.....

Doce filha da languida tristeza  
Ergue a fronte pendida — o sol fulgura!  
— Como a flor indolente da campina  
Abre ao sol da paixão tua alma pura!

XLIII

NOIVADO

Filha do céu — oh flor das esperanças,  
Eu sinto um mundo no bater do peito!  
Quando a lua brilhar n'um céu sem nuvens  
Desfolha rosas no virgineo leito.

.....

Nas horas do silencio inda és mais bella!  
Banhada do luar, n'um vago anseio,  
Os negros olhos de voluptia mortos  
Por sob a gaze te estremece o seio!

Vem! a noite é linda, o mar é calmo,  
Dorme a floresta — meu amor só, vela;  
Suspira a fonte e minha voz sentida  
É doce e triste como as vozes d'ella.

Qual echo fraco de amorosa queixa  
Perpassa a brisa na magnolia verde,  
E o som magoado do tremer das folhas  
Longe — bem longe — devagar se perde.

Que céu tão puro! que silencio augusto!  
Que aromas doces! que natura esta!  
Cançada a terra adormeceu sorrindo  
Bem como a virgem no cahir da sesta!

Vem! tudo e tranquillo, a terra dorme,  
Bebe o sereno o lyrio do vallado. . .

— Sosinhos, sobre a relva da campina,  
Que bello que será nosso noivado!

Tu dormirás ao som dos meus cantares  
Oh! filha do sertão! sobre o meu peito.  
O moço triste, o sonhador mancebo  
Desfolha rosas no teu casto leito.

.....

. . . - 1858

XLIV

DE JOELHOS

Qual resa o irmão pelas irmãs queridas,  
Ou a mãe que sofre pela filha bella,  
Eu—de joelhos—com as mãos erguidas,  
Supplico ao céu a felicidade *d'ella*,

— «Senhor meu Deus, que sois clemente e justo,  
Que dais voz ás brisas e perfume á rosa,  
Oh! protegei-a com o manto augusto  
A doce virgem que sorri medrosa!

Lançai os olhos sobre a linda filha,  
Dai-lhe o socego no seu casto ninho,  
E da vareta que seu pé já trilha  
Tirai a pedra e desviai o espinho!

Senhor! livrai-a da rajada dura  
A flor mimosa que desponta agora;  
Deitai-lhe orvalho na corolla pura,  
Dai-lhe bafejos, prolongai-lhe a aurora!

A doce virgem como a tenra planta  
Nunca floresce sobre terra ingrata;  
—Bem como a rôla—qualquer folha a espanta,  
—Bem como o lyrio—qualquer vento a mata.

*Ella* é a rôla que a floresta cria,  
*Ella* é o lyrio que a manhã descerra...  
Senhor, amai-a!—a sua voz macia  
Como a das aves, a innocencia encerra!

Sua alma pura na novel vertigem  
Pede ao amor o seu futuro inteiro...  
Senhor! ouvi o suspirar da virgem,  
Dourai-lhe os sonhos no sonhar primeiro!

A mocidade, como a deosa antiga,  
Na fronte virgem lhe derrama flores...  
—Abri-lhe as rosas da grinalda amiga,  
Na mocidade derramai-lhe amores!

Cercai-a sempre de bondade terna,  
Lançai orvalho sobre a flor querida;  
Fazei-lhe oh Deus! a primavera eterna,  
Dai-lhe bafejos—prolongai-lhe a vida!

Depois—de joelhos—eu direi sois justo,  
Senhor! mil graças eu vos rendo agora!  
Vós protegestes com o manto augusto  
A doce virgem que a minh'alma adora!—

Dezembro—1858.

## LIVRO TERCEIRO

Nascer, lutar, soffrer — eis toda a vida!

GONCALVES DIAS.

XLV

### TRES CANTOS

Quando se brinca contente  
Ao despontar da existencia  
Nos folguedos de innocencia,  
Nos delirios de crianca;  
A alma, que desabrocha  
Alegre, candida e pura —  
N'essa continua ventura  
É toda um hymno: — esperanza!

Depois... na quadra ditosa,  
Nos dias da juventude,  
Quando o peito é um alaúde,  
E que a fronte tem calor;  
A alma que então se expande  
Ardente, foga e bella —  
Idolatrando a donzella  
Soletta em trovas: — amor!

Mas quando a crença se exgota  
Na taça dos desenganos,  
E o lento correr dos annos  
Envenena a mocidade;  
Então a alma cançada  
Dos bellos sonhos despida,  
Chorando a passada vida —  
Só tem um canto: — saudade!

Feveiro — 1878.

— 102 —  
XLVI

ILLUSÃO

Quando o astro do dia desmaia  
Só brilhando com pallido lume,  
E que a onda que brinca na praia  
No murmurio soletra um queixume;

Quando a brisa da tarde respira  
O perfume das rosas do prado,  
E que a fonte do vale suspira  
Como o nauta da patria afastado;

Quando o bronze da torre da aldeia  
Seus gemidos aos echos envia,  
E que o peito que em magoas aneia  
Bebe louco essa grave harmonia;

Quando a terra, da vida cançada,  
Adormece n'um leito de flores  
Qual donzella formosa embalada  
Pelos cantos dos seus trovadores!

Eu de pé sobre as rochas erguidas  
Sinto o pranto que manso deslisa  
E repito essas queixas sentidas  
Que murmurão as ondas co'a brisa,

É então que a minha alma dormente  
D'uma vaga tristeza se innunda,  
E que um rosto formoso, innocente,  
Me desperta saudade profunda.

Julgo ver sobre o mar socegado  
Um navio nas sombras fugindo,  
E na pôpa esse rosto adorado  
Entre prantos p'ra mim se sorrindo!

Comprehendo esse amargo sorriso,  
Sobre as ondas correr eu quizera...  
E de pé sobre a rocha, indeciso,  
Eu lhe brado;—não fujas,—espera!

Mas o vento já leva ligeiro  
Esse sonho querido d'um dia,  
Essa virgem de rosto fagueiro,  
Esse rosto de tanta poesia!...

E depois... quando a lua illumina  
O horisonte com luz prateada,  
Julgo ver essa fronte divina  
Sobre as vagas scismando, inclinada!

E depois... vejo uns olhos ardentes  
Em delirio nos meus se fitando,  
E uma voz em accentos plangentes  
Vem de longe um—adeus—soluçando!

.....

Illusão!... que a minha alma, coitada,  
De illusões hoje em dia é que vive;  
É chorando uma gloria passada,  
É carpindo uns amores que eu tive!

— 107 —  
XLVII

SONHANDO

Um dia, oh linda, embalada  
Ao canto do gondoleiro,  
Adormeceste innocente  
No teu delirio primeiro,  
— Por leito o berço das ondas,  
Meu collo por travesseiro!

Eu pensativo, scismava  
N'algum remoto desgosto,  
Avivado na tristeza  
Que a tarde tem, ao sol-posto.  
E ora mirava as nuvens,  
Ora fitava teu rosto.

Sonhavas então, querida,  
E prêsa de vago anceio  
Debaixo das roupas brancas  
Senti bater o teu seio,  
E meu nome n'um soluço  
À flor dos labios te veio!

Tremeste como a tulipa  
Batida do vento frio...  
Suspiraste como a folha  
Da brisa ao doce cicio...  
E abriste os olhos sorrindo  
Às agoas quietas do rio!

Depois — uma vez — sentados  
Sob a copa do arvoredó,  
Fallei-te d'esse soluço  
Que os labios abriu-te a mêdo...  
— Mas tu, fugindo, guardaste  
D'aquelle sonho o segredo!...

Agosto — 1858

— 100 —  
Depois — uma vez — sentidas  
Sob a copa do  
Fallei-te d  
Que os labios  
— Mas tu  
D'aquele sonho e segredo...

XLVIII

LEMBRANÇA

---

N'UM ALBUM

---

Como o triste marinheiro  
Deixa em terra uma *lembrança*,  
Levando n'alma a esperança  
E a saudade que consome,  
Assim nas folhas do album  
Eu deixo meu pobre nome.

E se nas ondas da vida  
Minha barca for fendida  
E meu corpo espedaçado,  
Ao ler o canto sentido  
Do pobre nauta perdido  
Teus labios dirão: coitado!

Junho—1858.

---

XLIX

O BAILE!

---

Se junto de mim te vejo  
Abre-te a bocca um bocejo,  
Só pelo baile suspiras!  
Deixas amor — pelas galas,  
E vais ouvir pelas salas  
Essas douradas mentiras!  
Tens razão! Mais valem risos  
Fingidos, d'esses Narcizos  
—Bonecos que a moda enfeita—  
Do que a voz sincera e rude  
De quem, presando a virtude,  
Os atavios rejeita.

Tens razão! — Walsa, donzella,  
A mocidade é tão bella,  
E a vida dura tão pouco!  
No borborinho das salas,  
Cercada de amor e galas,  
Sê tu feliz — eu sou louco!

E quando eu seja dormido  
Sem luz, sem voz, sem gemido,  
No somno que a dor conforta;  
Ao concertar tuas tranças  
No meio das contradanças  
Diz tu sorrindo: — Qu'importa?...

«Era um louco, em noites bellas  
«Vinha fitar as estrellas  
«Nas praias, co'a fronte nua!  
«Chorava canções sentidas  
«E ficava horas perdidas  
«Sosinho, mirando a lua!

«Tremia quando fallava  
«E — pobre tonto — chamava  
«O baile — alegrias falsas  
«Eu gosto mais d'essas fallas  
«Que me murmurão nas salas  
«No ritornello das walsas. —»

Tens razão! — Walsa, donzella,  
A mocidade é tão bella  
E a vida dura tão pouco!  
P'ra que fez Deus as mulheres,  
P'ra que ha na vida prazeres?  
Tu tens razão... eu sou louco!

Sim, walsa, é doce a alegria,  
Mas ai! que eu não veja um dia  
No meio de tantas galas —  
Dos prazeres na vertigem,  
A tua corôa de virgem  
Rolando no pó das salas!...

Junho — 1858.

L

## MINH'ALMA É TRISTE

Mon cœur est plein — je veux plerer !  
L. AMARTINE.

I

Minh'alma é triste como a rôla afflicta  
Que o bosque acorda desde o albor da aurora,  
E em doce arrulo que o soluço imita  
O morto esposo gemedora chora.

E, como a rôla que perdeu o esposo,  
Minh'alma chora as illusões perdidas,  
E no seu livro de fanado gôso  
Relê as folhas que já forão lidas.

E como notas de chorosa endeixa  
Seu pobre canto com a dor desmaia,  
E seus gemidos são iguaes á queixa  
Que a vaga solta quando beija a praia.

Como a criança que banhada em prantos  
Procura o brinco que levou-lhe o rio,  
Minh'alma quer resuscitar nos cantos  
Um só dos lyrios que murchou o estio.

Dizem que ha gosos nas mundanas galas,  
Mas eu não sei em que o prazer consiste.  
— Ou só no campo, ou no rumor das salas,  
Não sei porque — mas a minh'alma é triste !

II

Minh'alma é triste como a voz do sino  
Carpindo o morto sobre a lage fria;  
E doce e grave qual no templo um hymno,  
Ou como a prece ao desmaiar do dia.

Se passa um bote com as velas sóltas,  
Minh'alma o segue n'amplião dos mares;  
E longas horas acompanha as voltas  
Das andorinhas recortando os ares.

Às vezes louca, n'um scismar perdida,  
Minh'alma triste vai vagando á tóa,  
Bem como a folha que do sul batida  
Boia nas agoas de gentil lagôa!

E como a rôla que em sentida queixa  
O bosque acorda desde o albor da aurora,  
Minh'alma em notas de chorosa endeixa  
Lamenta os sonhos que já tive outr'ora.

Dizem que ha gosos no correr dos annos!...  
Só eu não sei em que o prazer consiste.  
— Pobre ludibrio de crueis enganos,  
Perdi os risos — a minh'alma é triste!

III

Minh'alma é triste como a flor que morre  
Pendida á beira do riacho ingrato;  
Nem beijos dá-lhe a viração que corre,  
Nem doce canto o sabiá do mato!

E como a flor que solitaria pende  
Sem ter caricias no voar da brisa,  
Minh'alma murcha mas ninguém entende  
Que a pobresinha só de amor precisa !

Amei outr'ora com amor bem santo  
Os negros olhos de gentil donzella,  
Mas d'essa fronte de sublime encanto  
Outro tirou a virginal capella.

Oh ! quantas vezes a prendi nos braços !  
Que o diga e falle o lanrajal florido !  
Se mão de ferro espedaçou dois laços  
Ambos chorámos mas n'um só gemido !

Dizem que ha gosos no viver d'amores,  
Só eu não sei em que o prazer consiste !  
— Eu vejo o mundo na estação das flores...  
Tudo sorri — mas a minh'alma é triste !

IV

Minh'alma é triste como o grito agudo  
Das arapongas no sertão deserto ;  
E como o nauta sobre o mar sanhudo,  
Longe da praia que julgou tão perto !

A mocidade no sonhar florida  
Em mim foi beijo de lasciva virgem :  
— Pulava o sangue e me servia a vida,  
Ardendo a fonte em bachanal vertigem.

De tanto fogo tinha a mente cheia !...  
No afan da gloria me atirei com ancia...  
E, perto ou longe, quiz beijar a s'rêa  
Que em doce canto me attrahio na infancia.

Ai! loucos sonhos de mancebo ardente!  
Esp'ranças altas... Eil-as já tão razas!...  
— Pombo selvagem, quiz voar contente...  
Ferio-me a bala no bater das azas!

Dizem que ha gosos no correr da vida...  
Só eu não sei em que o prazer consiste!  
— No amor, na gloria, na mundana lida,  
Forão-se as flores — a minh'alma é triste!

Março 12—1838.

LI

**PALAVRAS A ALGUEM**

---

Tu folgas travessa e louca  
Sem ouvires meu lamento,  
Sonhas jardins d'esmeralda  
N'esse virgem pensamento,  
Mas olha que essa grinalda  
Bem póde murchal-a o vento !

Ai que louca ! abriste o livro  
Da minh'alma, livro santo,  
Esripto em noites d'angustia,  
Regado com muito pranto,  
E . . . quasi rasgaste as folhas  
Sem entenderes o canto !

Agora corres nos charcos  
Em vez das alvas areias ! . . .  
Deleita-te a voz fingida  
D'essas formosas sereias . . .  
Mas eu te fallo e te aviso :  
— « Olha que tu te enlamêas ! » —

Tu és a pomba innocente,  
Eu sou teu anjo-da-guarda,  
Devo dizer-te baixinho :  
— « Olha que a morte não tarda !  
« Mariposa dos amores  
« Deixa a luz, embora arda.

«A chama seduz e brilha  
— «Qual diamante entre as gazas —  
«E tu no fogo maldito  
«Tão descuidosa te abrasas!  
«Mariposa, mariposa,  
«Tu vais queimar tuas azas!»

Conchinha das lisas praias  
Nascestes em alvas areias,  
Não corras tu para os charcos  
Arrebatada nas cheias!...  
— Os teus vestidos são brancos...  
Olha que tu te enlaméas!...

## FOLHA NEGRA

Sinhá,  
Um outro mancebo  
Alegre, poeta e crente,  
Soltára um canto fervente  
De amor talvez! — de alegria,  
E aqui nas folhas do livro  
Deixára — amor e poesia.

Mas eu que não tenho risos  
Nem alegrias tão pouco,  
Nem sinto isso fogo louco  
Que a mocidade consome,  
Nas brancas folhas do livro  
Só posso deixar meu nome!

E' triste como um gemido,  
E' vago como um lamento;  
— Queixume que sóta o vento  
Nas pedras d'umaruina  
Na hora em que o sol se apaga  
E quando o lyrio s'inclina!...

Grito de angustia do pobre  
Que sobre as aguas se afoga,  
Cadaver que boia e voga  
Longe da praia querida,  
Grito de quem n'agonia  
— Já morto — se apega á vida!

Vozes de flauta longiqua  
Que as nossas magoas aviva,  
Soluço da patativa,  
Queixume do mar que rôlla,  
Cantiga em noite de lua  
Cantada ao som da violla!...

Saudades do pegureiro  
Que chora o seu lar amado,  
— Calado e só — recostado  
Na pedra d'algum caminho...  
Canção de santa doçura  
Da mãi que embala o filhinho!...

Meu nome!... E' simples e pobre  
Mas é sombrio e traz dores,  
— Grinalda de murchas flores  
Que o sol queima e não consome...  
— Sinhá!... das folhas do livro  
E' bom tirar o meu nome!...

Setembro — 1858.

LIII

**À MORTE**

DE

**AFFONSO DE A. COUTINHO MESSEDER**

ESTUDANTE DA ESCOLA CENTRAL

Who hath not lost a friend? . . .

M.

É triste ver a flor que desabrocha  
Ou quer no prado, ou na deserta rocha,  
Pender no fraco hastil!  
É bem triste dos annos nos verdores  
Morrer mancebo, no brotar das flores,  
Na quadra juvenil!

Meu Deus! tu que és tão bom e tão clemente,  
P'ra que apagas, Senhor, a chamma ardente  
N'um craneo de volcão?  
P'ra que poupas o cedro já vetusto  
E, sem dó, vais ferir o pobre arbusto  
Às vezes no embryão? ! . . .

Pois não fôra melhor vivesse a planta  
Cujos perfume a solidão encanta  
No socego do val? . . .  
— Não veriamos nós n'este martyrio  
Desfallecer tão bello o pobre lyrio  
Pendido ao vendaval!

Pobre mancebo! N'esse peito nobre  
E n'essa frente que o sepulchro cobre  
Era fundo o sentir!

Agora solitario tu descanças,  
E contigo esse mundo de esperanças  
Tão rico de porvir!

Oh! lamentemos essa pura estrella  
Sumida, como no horisonte a vela  
Nas nevoas da manhã!

A sepultura foi ha pouco aberta...  
Mas o dormente já se não desperta  
À voz de sua irmã!

É mudo aquelle a quem irmão chamámos,  
E a mão que tantas vezes apertámos  
Agora é fria já!

Não mais nos *bancos* esse rosto amigo  
Hoje escondido no fatal jazigo  
Comnosco sorrirá!

Mancebo, atraz da gloria que sorria,  
Sonhou grandezas para a patria um dia,  
E a ella os sonhos deo;  
Martyr do estudo, na sciencia ingrata  
Bebeo nos livros esse fel que mata  
E pobre adormeceo!

Era bem cedo! --na manhã da vida  
Chegar não pôde á terra promettida  
Que ao longe lhe sorrio!  
Embora d'esta estrada nos espinhos  
Feliz tivesse os maternas carinhos,  
Cançado succumbio!

Era bem cedo!—Tanta gloria ainda  
O esperava, meu Deus, na aurora linda  
Que a vida lhe dourou!  
Pobre mancebo! no fervor d'essa alma  
Ao colher do futuro a verde palma  
Na cova tropeçou!

Dorme pois! Sobre a campa mal cerrada,  
Nós que sabemos que esta vida é nada  
Choramos um irmão;  
E d'envólta c'os prantos da amizade  
Aqui trazemos, nos goivos da saudade,  
As vozes da oração!

Eu fui teu amigo inda na infancia,  
Quando as almas das rosas na fragrancia  
Bemdizem só a Deus —  
Hoje venho nas cordas do alaúde  
Sentido e grave, á beira do ataúde  
Dizer-te o extremo adeus!

Descança! se no céu ha luz mais pura,  
De certo gosarás n'essa ventura  
Do justo a placidez!  
Se ha doces sonhos no viver celeste,  
Dorme tranquillo á sombra do cypreste...  
—Não tarda a minha vez!

## BERÇO E TUMULO

NO ALBUM D'UMA MENINA

Trago-te flores no meu canto amigo  
 —Pobre grinalda com prazer tecida—  
 E—todo amores—deposito um beijo  
 Na frente pura em que desponta a vida.

É cedo ainda!—quando moça fôres  
 E percorreres d'este livro os cantos,  
 Talvez que eu durma solitario e mudo  
 —Lyrio pendido a que ninguem deo prantost—

Então, meu anjo, compassiva e meiga  
 Depõe-me um goivo sobre a cruz singella,  
 E n'esse ramo que o sepulchro implora  
 Paga-me as rosas d'esta infancia bella!

— 126 —  
LV

INFANCIA

Ó anjo da loura trança,  
Que esperança  
Nos traz a brisa do sul!  
—Correm brisas das montanhas. . .  
Vê se apanhas  
A borboleta de azul! . . .

Ó anjo da loura trança,  
És criança,  
A vida começa a rir.  
—Vive e folga descansada,  
Descuidada  
Das tristezas do porvir.

Ó anjo da loura trança,  
Não descança  
A primavera inda em flor;  
Por isso aproveita a aurora  
Pois agora  
Tudo é riso e tudo amor,

Ó anjo da loura trança,  
A dôr lança  
Em nossa alma agro descrer.  
—Que não encontres na vida  
Flor querida,  
Senão continuo prazer.

Ó anjo da loura trança,  
A onda é mansa  
O céu é lindo docel;  
E sobre o mar tão dormente,  
Docemente  
Deixa correr teu batel.

Ó anjo da loura trança,  
Que esperança  
Nos traz a brisa do sul. . .  
—Correm brisas das montanhas. . .  
Vê se apanhas  
A borboleta de azul. . .

LVI

A UMA PLATEIA

—

\* \*

—

O cedro foi planta um dia,  
Viço e força o arbusto cria,  
Da vergontea nasce o galho;  
E a flor p'ra ter mais vida,  
Para ser — rosa querida —  
Carece as gottas de orvalho.

Com o talento é o mesmo;  
Quando tímido elle adeja  
— Qual ave que se espanjeja —  
Como a flor, tambem precisa  
Em vez do sôpro da brisa  
O sôpro da sympathia  
Que lhe adoce os amargores,  
Para em horas de cansaço  
Na estrada que vai trilhando  
Encontrar de quando em quando  
Por entre os espinhos — flores.

E vós que acabaes de ouvil-o  
A suspirar n'esse trillo  
No seu gorgoio primeiro;  
Vós, que viste o seu comêço,  
Dai-lhe essas palmas de apreço  
Que é artista e . . . brasileiro!

## NO TUMULO D'UM MENINO

Um anjo dorme aqui ; na aurora apenas,  
 Disse adeus ao brilhar das açucenas  
 Sem ter da vida alevantado o véo.  
 — Rosa tocada do cruel granizo —  
 Cedo finou-se e no infantil sorriso  
 Passou do berço p'ra brincar no céu !

Maio—1858

A J. J. C. MACEDO-JUNIOR

Poète, prends ta lyre; aigle, ouvre ta jeune aile;  
Etoile, étoile, lève-toi!

V. Hugo.

Como o indio a saudar o sol nascente,  
Co' o sorriso nos labios, franco e ledô

Aperto a tua mão:

Cantor das açucenas, cré-me agora,

Este canto que a lyra balbucia

E' pobre, mas de irmão!

Quando se sente como eu sinto e soffro,

A mente ferve e o coração palpita

De glorias e de amor:

Se ouço Arthur ao piano eu me extasio,

Mas ouvindo teus hymnos me arrebatô

E pasmo ante o cantor!

Na juventude, no florir dos annos,

Não sei que vozes nos entornão n'alma

Canções de cherubim!

Uns perdem, como eu, cedo os verdôres,

Mas outros crescem no primor das graças

E tu serás assim!

Oh ! mocidade ! como és bella e rica !  
Hymnos de amores n'este sec'lo bruto !

Louvor ao menestrel !

Palmas a ti, cantor das açucenas !  
Quatorze primaveras n'essa fronte  
Semelhão-te um laurel !

Quando tão moço, no raiar da vida,  
Já doce cantas como o doce aroma  
Das languidas cecens,  
Podes, criança, erguer a fronte altiva !  
Como André-Chénier, no craneo augusto  
Alguma cousa tens !

Não desmintas, irmão, este propheta,  
Sybarita indolente, sobre rosas  
Não queiras tu dormir,  
Se ao longe já te brilha amiga estrella  
Aproveita o talento — estuda e pensa —  
E' bello e teu provir !

Não faças como nós ; na infancia apenas  
Solta poeta o grogear de amores  
Que é doce o teu cantar.  
Seja a vida p'ra ti só riso e galas  
E adormeças a scismar quimeras  
Da noite no luar.

Não faças como nós ; não desças louco  
A buscar sensações na bruta orgia  
Das longas saturnaes ;  
Se a lama impura salpicar-te as pennas,  
Sacode as azas minha pomba casta  
E foge dos pardaes.

Não manches meu poeta as vestes brancas  
No mundo infame; mirra-se a grinalda

E vão-se as illusões!

A crença se desbota e o nauta chora  
Desanimado no vai-vem teimoso

Dos grossos vagalhões!

Foge do canto da gentil sereia

Que engana com sorriso de feitiços

— Tão pallida Rachel!

Não encostes na taça os labios soffregos. . .

O vaso queima e beberás nos risos

Da amargura o fe!

Conserva na tua alma a virgindade,

E tenha o coração na rica aurora

Das rosas o matiz;

Se a donzella cuspir nos teus amores

Chora perdida essa illusão primeira. . .

Mas vive e sê feliz!

Se a dor fôr grande não te vergues fraco,

Oh! não escondas no sepulchro a fronte

Aos raios d'este sol;

Não vás como Azevedo—o pobre genio—

Eubrulhar-te sem dó na flor dos annos

Da morte no lençol!

Vive e canta e ama esta natura,

A patria, o céu azul, o mar sereno,

A veiga que seduz;

E possa meu poeta essa existencia

Ser um lindo vergel todo banhado

De aromas e de luz!

\*

Oh! canta e canta sempre! esses teus hymnos  
Eu sei, terão no céo echos mais santos  
Que a terra não dará;  
Oh! canta! é doce ao triste que soluça  
Ouvir saudoso no cahir da tarde  
A voz do sabiá!

Canta! e que teus hymnos d'esperança  
Despertem d'este mundo de miserias  
A estúpida mudez;  
E dos preludios d'essa lyra ingenua  
Em poucos annos surgirá brilhante  
Millevoye—talvez!

Maio—1858.

LIX

UMA HISTORIA

---

A brisa dizia à rosa:

—«Dá, formosa,

Dá-me, linda, o teu amor ;

Deixa eu dormir no teu seio

Sem receio.

Sem receio minha flor!

De tarde virei da selva

Sobre a relva

Os meus suspiros te dar;

E de noite na corrente

Mansamente

Mansamente te embalar!»—

E a rosa dizia á brisa

—«Não precisa

Meu seio dos beijos teus ;

Não te adoro. . . és inconstante. . .

Outro amante,

Outro amante aos sonhos meus!

Tu passas de noite e dia

Sem poesia

A repetir-me os teus ais;

Não te adoro. . . quero o Norte

Que é mais forte,

Que é mais forte e eu amo mais!»—

No outro dia a pobre rosa  
Tão vaidosa  
No hastil se debruçou;  
Pobre d'ella!—Teve a morte  
Porque o Norte  
Porque o Norte a desfolhou! . . .

Novembro—1838.

LX

NO LEITO

---

M \*\*\*

---

Se eu morresso amanhã!

A. DE AZEVEDO

I

Eu soffro;—o corpo padece,  
E minh'alma se estremece  
Ouvindo o dobrar d'um sino!  
Quem sabe?—a vida fenece  
Como a lampada no templo  
Ou como a nota d'um hymno!

A febre me queima a fronte  
E dos tumulos a aragem  
Roçou-me a pallida face;  
Mas no delirio e na febre  
Sempre teu rosto contemplo,  
E serena a tua imagem  
Vela á minha cabeceira,  
Rodeada de poesia,  
Tão bella como no dia  
Em que vi-te a vez primeira!

Teu riso a febre me acalma;  
—Ergue-se viva a minh'alma  
Sorvendo a vida em teus labios  
Como o saibo dos licores,  
E na voz, que é toda amores,  
Como um balsamo bemdito,  
Ouvindo-a, eu pobre palpito,  
Sou feliz e esqueço as dores.

II

Se a morte colher-me em breve  
Pede ao vento que te leve  
O meu suspiro final;  
—Será queixoso e sentido,  
Como da rôla o gemido  
Nas moitas do laranjal.

Quizera a vida mais longa  
Se mais longa Deus m'a dera,  
Porque é linda a primavera,  
Porque é doce este arrebol,  
Porque é linda a flor dos annos  
Banhada da luz do sol!  
Mas se Deus cortar-me os dias  
No meio das melodias,  
Dos sonhos da mocidade,  
Min'alma tranquilla e pura  
À beira da sepultura  
Sorrirá á eternidade.

Tenho pena... sou tão moço!  
A vida tem tanto enlevo!  
Oh! que saudades que levo  
De tudo que eu tanto ame!  
— Adeus oh! sonhos dourados,  
Adeus oh! noites formosas,  
Adeus futuro de rosas  
Que nos meus sonhos creei!

Ao menos nesse momento  
Em que o lethargo nos vem  
Na hora do passamento,  
No suspirar da agonia  
Terei a frente já fria  
No collo de minha mãe!

.....

III

Mas eu bemdigo estas dores,  
Mas eu abenço o leito  
Que tantas magoas me dá,  
Se me jurares, querida,  
Que meu nome no teu peito  
Morto embora—viverá!  
—Que ás vezes na cruz singella  
Tu irás pallida e bella  
Desfolhar uma saudade!  
—Que de noite, ao teu piano,

Na voz que a paixão desata,  
Chorarás a—Traviata  
Que eu dantes amava tanto  
Nas ancias do meu amor!  
—E que darás compassiva  
Uma gotta do teu pranto  
À memoria morta ou viva  
Do teu pobre sonhador!

Bem dita, bem dita sejas,  
Se nas notas bemfazejas  
Tua alma fallar co'a minha  
Nessa linguagem do céo  
Que o pensamento adivinha!  
Eu—o filho da poesia—  
Dormirei no meu sepulchro,  
Embalado em harmonia  
Ao som do piano teu!

IV.

Que tem a morte de feia?!  
— Branca virgem dos amores,  
Toucada de murchas flores,  
Um longo somno nos traz;  
E o triste que em dor anceia  
— Talvez morto de cansaço —  
Vai dormir no seu regaço  
Como n'um claustro de paz!

Oh! virgem das sepulturas,  
Teu beijo mata as venturas  
Da terra, mas rasga o véo  
Que a eternidade nos véla;  
E nós — os filhos do erro —  
Libertos deste desterro,  
Vamos contigo, donzella,  
No branco leito de pedra,  
Onde a miseria não medra,  
Sonhar os sonhos do céu! . . .

Ha tantas rosas nas campas!  
Tanta rama nos cyprestes!  
Tanta dor nas brancas vestes!  
Tanta doçura ao luar!  
— Que alli o morto poeta  
Nos seus intimos segredos,  
A' sombra dos arvoredos  
Póde viver a sonhar!

V.

Assim, — se amanhã, se logo,  
Sentires na face amada  
Passar um sôpro de fogo  
Que te queime o coração,  
E uma mão fria e gelada  
Comprimir a tua mão  
Frisando os cabellos teus;

— Não tenhas tu vãos temores ,  
Pois é minh'alma , querida ,  
Que ao desprender-se da vida  
— Toda saudade e amores —  
Vai dizer-te o extremo — adeus ! . . .

Agosto — 1858.

LXI

POIS NÃO É?!  

---

Ver cahir o cedro annoso  
Que campeava na serra ,  
Ver frio baixar á terra  
O pobre velho bondoso  
Que procurando repouso  
Tropeçou na sepultura ;  
E' triste , sim , é verdade ,  
Mas não tão grande a saudade  
Nem a dor tão funda e dura,  
Pois que ao velho e ao cedro altivo  
Partido á voz da procella ,  
No mundo — jardim lascivo —  
A vida foi longa e bella.

Mas ver a rosa do prado  
Que a aurora deu cor e vida,  
De manhã — flor do valado ,  
De tarde — rosa pendida ! . . .

Mas ver a pobre mangueira  
Na primavera primeira  
Crescendo toda enfeitada  
De folhas , perfume e flor ,  
Ouvindo o canto de amor  
No sôpro da viração ;  
Mas vel-a depois lascada  
Em duas cahir no chão ! . . .

Mas ver o pobre mancebo  
Em quem a seiva reluz,  
No sonho candido e puro  
Nas glorias do seu futuro  
Dourando a vida de luz;  
Mas vel-o quando a sua alma  
Ao som d'ignota harmonia  
Se derramava em poesia;  
Quando junto da donzella  
— Captivo dos olhos della —  
Na voz que balbuciava  
De amores fallava a mêdo;  
Quando o peito trasbordava  
De crenças, de amor, de fé,  
Vê-lo finar-se tão cêdo,  
Como as vozes d'um segredo . . .  
E' dor de mais — pois não é?! . . .

Inday assû — 1857.

LXII

NA ESTRADA

SCENA CONTEMPORANEA

Eu vi o pobre velho esfarrapado  
— Cabeça branca — sentado pensativo  
D'um carvalho ao pé ;  
Esmolava na pedra d'um caminho ,  
Sem familia , sem pão , sem lar , sem ninho ,  
E rico só de fê !

Era de tarde ; ao toque do mosteiro  
Seu labio a murmurar resava baixo ,  
— Ao lado o seu bordão ;  
E o sol , no raio extremo , lhe dourava  
Sobre a fronte senil a dupla c'rôa  
De pobre e de ancião !

E o *homem de metal* vinha sorrindo  
Contando ao compaheiro os gordos lucros  
Na usura de judeus ;  
O mendigo estendeo a mão mirrada ,  
E pedio-lhe na voz entrecortada :  
— Uma esmola , por Deus !

O homem de metal embevecido  
Em sonhos de milhões, por junto á pedra  
Sem responder, passou!  
O pobre recolheu a mão vasia...  
O anjo tutelar velou seu rosto  
Mas — Satanaz folgou!

Rio—1858.

LXIII

NO JARDIM

SCENA DOMESTICA

Tête sacrée! café! aux cheveux blancs!

V. Hugo.

Ella estava sentada em meus joelhos  
E brincava comigo — o anjo louro,  
E passando as mãosinhas no meu rosto  
Sacudia rindo os seus cabellos d'ouro.

E eu, fitando-a, abençoava a vida!  
Feliz sorvia n'esse olhar suave  
Todo o perfume d'essa flor da infancia,  
Ouvia alegre o gazear d'essa ave!

Depois, a borboleta de campina  
Toda azul como os olhos grandes d'ella —  
A doudejar gentil passou bem junto  
E beijou-lhe da face a rosa bella.

— Oh! como é linda! disse o louro anjinho  
No doce accento da virginea falla —  
Mamãe me ralha se eu ficar cansada  
Mas — dizia a correr — heide apanhal-a! —

Eu segui-a chamando-a, e ella rindo  
Mais corria gentil por entre as flores,  
E a — flor dos ares — abaixando o vôo  
Mostrava as azas de brilhantes cores.

Ião , vinhão , á roda das acacias,  
Brincavão no rosal , nas violetas,  
E eu de longe dizia : — Que doidinhas !  
Meu Deus! meu Deus! são duas borboletas! . . . —

Dezembro—1858

LXIV

RISOS

—  
Ri , criança , a vida é curta ,  
O sonho dura um instante.  
Depois . . . o cypreste esguio  
Mostra a cova ao viandante !

A vida é triste — quem nega?  
— Nem vale a pena dizel-o.  
Deus a parte entre seus dedos  
Qual um fio de cabelo !

Como o dia , a nossa vida  
Na aurora é — toda venturas ,  
De tarde — doce tristeza ,  
De noite — sombras escuras !

A velhice tem gemidos ,  
— A dor das visões passadas —  
A mocidade — queixumes ,  
Só a infancia tem risadas !

—  
Ri , criança , a vida é curta ,  
O sonho dura um instante.  
Depois . . . o cypreste esguio  
Mostra a cova ao viandante !

# LIVRO NEGRO

## HORAS TRISTES

### I

Eu sinto que esta vida já me foge  
Qual d'harpa osom final,  
E não tenho, como o naufrago nas ondas  
Nas trevas um fanal!

Eu soffro e esta dor que me atormenta  
E' um supplicio atroz!  
E p'ra contal-a falta á lyra cordas  
E aos labios meus a voz!

A's vezes, no silencio da minh'alma,  
Da noite na mudez,  
Eu crio na cabeça mil fantasmas  
Que aniquilo outra vez!

Doe-me inda a bocca que quimei sedento  
Nas esponjas de fel,  
E agora sinto no bulhar da mente  
A torre de Babel!

Sou triste como o pai que as bellas filhas  
Vio languidas morrer,  
E já não pousão no meu rosto pallido  
Os risos do prazes!

E comtudo , meu Deus! eu sou bem moço ,  
Devêra só me rir ,  
E ter fé e ter crença nos amores ,  
Na gloria e no porvir!

Eu devêra folgar nesta natura  
De flores e de luz ,  
E , mancebo , voltar-me p'r'o futuro  
Estrella que seduz !

Agora em vez dos hymnos d'esperança ,  
Dos cantos juvenis ,  
Tenho a satyra pungente , o riso amargo ,  
O canto que maldiz !

Os outros , — os felizes d'este mundo ,  
Deleitão-se em sarãos ;  
Eu solitario soffro e odeio os homens ,  
P'ra mim são todos máos !

Eu olho e vejo . . . — a veiga e de esmeralda ,  
O céu é todo azul .  
Tudo canta e sorri . . . só na minh'alma  
O lodo d'um paul !

---

Mas se ella — a linda filha do meu sonho ,  
A pallida mulher  
Das minhas fantasias , dos seus labios  
Um riso , um só me der ;

Se a doce virgem pensativa e bella ,  
— A pudica vestal  
Que eu criei n'uma noite de delirio  
Ao som da saturnal ;

Se ella vier enternecida e meiga  
Sentar-se junto a mim ;  
Se eu ouvir sua voz mais doce e terna  
Que um doce bandolim ;

Se o seu labio afagar a minha fronte  
— Tão fervido volcão !  
E murmurar baixinho ao meu ouvido  
As fallas da paixão ;

Se cahir desmaiada nos meus braços  
Morrendo em languidez ,  
De certo remoçado , alegre e louco  
Sentira-me talvez ! . . .

—  
Talvez que eu encontrasse as alegrias  
Dos tempos que lá vão ,  
E afogasse na luz da nova aurora  
A dor do coração !

Talvez que nos meus labios desmaiados  
Brilhasse o seu sorrir ,  
E de novo , meu Deus , tivesse crença  
Na gloria e no pervir !

Talvez minh'alma resurgisse bella  
Aos raios d'esse sol ,  
E nas cordas da lyra seus gorgeios  
Trinasse um rouxinol !

Talvez então que eu me pegasse á vida  
Com ancia e com ardor ,  
E podesse aspirando os seus perfumes  
Viver de seu amor !

P'ra ella então seria a minha vida ,  
A gloria , os sonhos meus ;  
E dissera chorando arrependido :  
— Bemdito seja Deus ! —

Abril—1858

## DORES

---

### II

Ha dores fundas, agonias lentas,  
Dramas pungentes que ninguém consola,  
    Ou suspeita sequer!  
Magoas maiores do que a dor d'um dia,  
Do que a morte bebida em taça morna  
    De labios de mulher!

Doces fallas de amor que o vento espalha,  
Juras sentidas de constancia eterna  
    Quebradas ao nascer;  
Perfidia e olvidio de passados beijos...  
São dores essas que o tempo cicatriza  
    Dos annos no volver.

Se a donzella infiel nos rasga as folhas  
Do livro d'alma magoado e triste  
    Suspira o coração;  
Mas depois outros olhos nos captivão,  
E loucos vamos em delirios novos  
    Arder n'outra paixão.

Amor é o rio claro das delicias  
Que atravessa o deserto, a veiga, o prado,  
    E o mundo todo o tem!  
Que importa ao viajor que a sêde abrasa,  
Que quer banhar-se nessas agoas claras,  
    Ser aqui ou além?

A veia corre, a fonte não se estanca,  
E as verdes margens não se crestão nunca  
Na calma dos verões;  
Ou quer na primavera, ou quer no inverno,  
No doce aneio do bolir das ondas  
Palpitão corações.

Não! a dor sem cura, a dor que mata,  
E' moço ainda, e perceber na mente  
A duvida a sorrir!  
E' a perda dura d'um futuro inteiro  
E o desfolhar sentido das gentis corôas,  
Dos sonhos do provir!

E' vêr que nos arrancão uma a uma  
Das azas do talento as penas de ouro,  
Que vôão para Deus!  
E' ver que nos apagão d'alma as crenças  
E que profanão o que santo temos  
Co'o riso dos atheus!

E' assistir ao desabar tremendo,  
N'um mesmo dia, d'illusões douradas,  
Tão candidas de fé!  
E' ver sem dó a vocação torcida  
Por quem devêra dar-lhe alento e vida  
E respeitá-la até!

E' viver, flor nascida nas montanhas,  
Para aclimar-se, apertada n'uma estufa  
A' falta de ar e luz!  
E' viver, tendo n'alma o desalento,  
Sem um queixume, a disfarçar as dores  
Carregando a cruz!

Oh! ninguém sabe como a dor é funda,  
Quanto pranto s'engole e quanta angustia,  
A alma nos desfaz!

Horas ha em que a voz quasi blasphema...  
E o suicidio nos acena ao longe  
Nas longas saturnaes!

Definha-se a existencia a pouco e pouco,  
E ao labio descorado o riso franco  
Qual dantes, já não vem;  
Um véo nos cobre de mortal tristeza,  
E a alma em luto, despida dos encantos,  
Amor nem sonhos tem!

Murcha-se o viço do verdor dos annos,  
Dorme-se moço e despertamos velho,  
Sem fogo para amar!  
E a fronte joven que o pezar sombreia  
Vai, reclinada sobre um collo impuro,  
Dormir no lupanar!

Ergue-se a taça do festim da orgia,  
Gasta-se a vida em noites de luxuria  
No leito dos bordeis,  
E o veneno se sorve a longos tragos  
Nos seios brancos e nos labios frios  
Das languidas Phrynés!

Esquecimento! — mortalha para as dores —  
Aqui na terra é a embriaguez do goso,  
A febre do prazer:  
A dor se afoga no fervor dos vinhos,  
E no regaço das marcós modernas  
E' doce então morrer!

Depois o mundo diz: — Que libertino!

A folgar no delirio dos alcoces

As azas empanou!

Como se elle, algoz das esperanças,

As crenças infantis e a vida d'alma

Não fosse quem matou!...

.....

Oh! ha dores tão fundas como o abysmo,

Dramas pungentes que ninguem consola

Ou suspeita sequer!

Dores na sombra, sem caricias d'anjo!

Sem voz de amigo, sem palavras doces,

Sem beijos de mulher!...

Rio—1858.

....  
—  
III

Pobre criança que te affliges tanto  
Porque sou triste e se chorar me vês,  
E que horrifas com teu doce pranto  
Meus pobres hymnos sem calor, talvez;

Deus te abençõe, cherubim formoso,  
Branca açucena que o paul brotou!  
Teu pranto é gota de celeste goso  
Na ulcera funda que ninguem curou.

Pallido e mudo e do caminho em meio  
Sentei-me á sombra soffredor e só!  
Do chôro a baga humedeceu-me o seio,  
Da estrada a gente me cobrio de pó!

Meus tristes cantos comecei chorando,  
Santas endeixas, doloridos ais...  
E a turba andava! Só de vez em quando  
Languido rosto se volvia atraz!

E louca a turba que passou sorrindo  
Julgava um hymno o que eu chamava um ai!  
Alguem murmura:—Como o canto é lindo!—  
Sorri-se um pouco e caminhando vai!

Bemdito sejas, cherubim de amores,  
Branca açucena que o paul brotou!  
Teu pranto é gotta que mitiga as dores  
Da ulcera funda que ninguem curou!

Ha na minh'alma alguma cousa vago,  
Desejos, ancias, que explicar não sei:  
Talvez—desejos—de algum lindo lago,  
—Ancias—de um mundo com que já sonhei!

E eu soffro, oh anjo; na cruel vigilia  
O pensamento inda redobra a dor,  
E passa linda do meu sonho a filha  
Sóltas as tranças a morrer de amor!

E louco a sigo por desertos mares,  
Por doces veigas, por um céu de azul;  
Pouso com ella nos gentis palmares  
A' beira d'agoa, nos vergeis do sul!...

E a virgem foge... e a visão se perde  
Por outros climas, n'outro céu de luz;  
E eu — desperto do meu sonho verde —  
Acordo e choro carregando a cruz!

Pobre poeta! na manhã da vida  
Nem flores tenho, nem prazer tambem!  
— Rôto mendigo que não tem guarida —  
Timido espreito quando a noite vem!

Bemdito sejas, cherubim de amores,  
Branca açucena que o paul brotou!  
Teu doce pranto me acalenta as dores  
Da ulcera funda que ninguem curou!

---

A minha vida era areal despido  
De relva e flor e na estação louçã!  
Tu foste o lyrio que nasceo, querido,  
Entre a neblina de gentil manhã.

Em ondas mortas meu batel dormia ,  
Chorava o panno a viração subtil ,  
Mas veio o vento no correr do dia  
E, leve, o bote resvalou no anil.

Eu era a flor do escalavrado galho  
Que a tempestade no passar quebrou ;  
Tu foste a gotta de bemdito orvalho  
E a flor pendida a reviver tornou.

Teu rosto puro restitue-me a calma ,  
Ergue-me as crenças, que já vejo em pé ;  
E teus olhares me derramão n'alma  
Doces consólos e orações de fé.

Não serei triste ; se te ouvir a falla  
Tremo e palpito como treme o mar ,  
E a nota doce que teu labio exhala  
Virá sentida ao coração parar.

Suspense e mudo no mais casto enlevo  
Direi meus hymnos c'os suspiros teus,  
E a ti, meu anjo, a quem a vida devo  
Heide adorar-te como adoro a Deus!

FRAGMENTO

IV

.....

O mundo é uma mentira , a gloria — fumo ,  
A morte — um beijo , e esta vida um sonho  
Pesado ou doce , que s'esvae na campa !

O homem nasce , cresce , alegre e crente  
Entra no mundo c'o sorrir nos labios ,  
Traz os perfumes que lhe dera o berço ,  
Veste-se bello d'illusões douradas ,  
Canta , suspira , crê , sente esperanças ,  
E um dia o vendaçal do desengano  
Varre-lhe as flores do jardim da vida  
E nú das vestes que lhe dera o berço  
Treme de frio ao vento do infortunio !  
Depois — louco sublime — elle se engana ,  
Tenta enganar-se p'ra curar as magoas ,  
Cria fantasmas na cabeça em fogo ,  
De novo atira o seu batel nas ondas ,  
Trabalha , luta e se afadiga embalde  
Até que a morte lhe desmancha os sonhos.  
Pobre insensato — quer achar por força

Perola fina em lodassal immundo!  
— Menino louro que se cança e mata  
Atraz da borboleta que travêssa  
Nas moitas do mangal vóa e se perde!...

.....  
.....

Dezembro—1858.

## ANJO !

—  
M.

—  
Sub umbra alarum tuarum.

V

Eu era a flor desfolhada  
Dos vendavaes ao correr;  
Tu foste a gotta dourada  
E o lyrio pôde viver.

Poeta, dormir pallido  
No meu sepulchro, bem só;  
Tu disseste:—Ergue-te Lasaro!—  
E o morto surgio do pó!

En era sombrio e triste...  
Contente minh'alma é;  
Eu duvidava... sorriste,  
Já no amar tenho fé.

A fronte que ardia em brasas  
A seus delirios poz fim  
Sentindo o roçar das azas,  
O sópro d'um cherubim.

Um anjo veio e deo vida  
Ao peito de amores nú:  
Minh'alma agora remida  
Adora o anjo—que és tu!

## ULTIMA FOLHA

---

### VI

Meu Deus! Meu Pai! Se o filho da desgraça  
Tem jus nm dia ao galardão remoto,  
Ouve estas preces e me cumpre o voto  
—A mim que bebo do absyntho a taça!

— « Feliz serás se como eu soffreres,  
« Dar-te-hei o céu em recompensa ao pranto » —  
Vós o disseste—E eu padeço tanto! . . .  
Que novos transes preparar me queres?

Tudo me roubão meus crueis tyrannos:  
Amor, familia, felicidade, tudo! . . .  
Palmas da gloria, meus lauréis do estudo,  
Fogo do genio, aspiração dos annos! . . .

Mas o teu filho já se não rebella  
Por tal castigo, pelas magoas duras;  
—Minh'alma off'reço ás provações futuras. . .  
Venha o martyrio. . . mas—perdão p'rá *ella!* . . .

A doce virgem se assemelha ás flores. . .  
O vento a quebra no seu verde ninho.  
—Velai ao menos pelo pobre anjinho,  
—Pagai-lhe em goso o que me dais em dores!

# SUPPLEMENTO ÀS POESIAS

TIRADAS DA ILLUSTRAÇÃO LUSO-BRAZILEIRA,

E ALMANACH DE LEMBRANÇAS,

E DO PANORAMA.

## A AMIZADE

A \*\*\*

---

Já farto da vida dos annos na flor,  
O peito me ralla pungente saudade ;  
Trahido nas crenças, trahido no amor,  
Meu canto recebe celeste amizade.

Poeta e amante, eu um mundo sonhei  
Repleto de gozos, um mundo ideal,  
Quando terna outr'ora a mulher que eu amei  
A mim me jurára ser sempre leal.

Ó tu meu amigo, permite que um pouco  
A fronte recline n'um peito d'irmão :  
Enchuga, se podes, o pranto do louco  
Que em paga de affectos só teve a traição !

Em tempos felizes, n'um dia formoso,  
Na relva sentados, bem juntos, unidos,  
No peito encostado seu rosto mimoso  
A ingrata me dava sorrisos . . . fingidos !

Ai ! crente eu beijava seus labios corados  
Com beijos ardentes, com beijos de amor,  
E Laura jurava que quando apartados  
Viver não queria, morreria de dor !

Partir foi preciso . . . abracei-a chorando . . .  
E Laura chorou ! . . . eu de dor soluzei . . .  
Mas tempos depois que contente voltando  
Julgava beijal-a, já não a encontrei !

Mulher enganosa, quebraste essas juras  
Que em prantos me deste diante de Deus !  
Mas tu não te lembras que as faças impuras,  
Que os labios corados roçaram os meus ? ! . . .

Poeta e amante eu um mundo sonhei  
Repleto de gozos, um mundo ideal . . .  
Fugiram os sonhos que eu tanto afaguei,  
Como flor tombada por um vendaval

Errante vagando por vales sombrios  
Co'a mente em delirio, em cruel anciedade ;  
A morte buscando nas agoas dos rios,  
Me disse uma voz : inda resta a amazide !

«Esquece esse fogo, esse amor, um delirio  
«Que aqui te cavava profundo jazigo ;  
«Ao mundo de novo, termina o martyrio,  
«A fronte reclina n'um peito de amigo.»

— Ao mundo voltei, esqueci os amores  
No peito apagando uma forte paixão ;  
Agora a amizade mitiga-me as dores,  
Sê tu meu amigo, serei teu irmão !

## SUSPIROS

---

Á minha terra formosa .  
Que eu amo do coração,  
Quero enviar uns suspiros  
Nas azas da viração.

Corre brisa , pressurosa  
Sobre esses plainos de anil ,  
Vae brincar pelas campinas ,  
Pelos vergeis do Brazil.

Lá verás um céu mui lindo  
Como tão lindo não ha ;  
Lá ouvirás os'gorgeios  
Os cantos do sabiá.

Lá verás bellas palmeiras ,  
Lindas flores com perfumes ,  
O regato que murmura ,  
A fonte que diz queixumes.

Lá verás a minha bella  
Sentada no seu jardim ,  
Na mão encostada a face ,  
Saudosa , pensando em mim.

Ó brisa linda e travêssa ,  
No teu mais doce bafejo  
Em seus labios cor de roza  
Bem de manso , da-lhe um beijo.

Se uma lagrima furtiva  
Nos olhos lhe balouçar . . .  
Traz-me esse pranto d'amor ,  
Que quem chora , sabe amar.

Diz-lhe que o amante fiel  
Só por ella suspirava ,  
E que nas brisas da tarde  
Seus suspiros enviava.

Diz-lhe que o filho estremoso  
O mesmo affecto inda tem ,  
E que constricto e fervente  
Orava por sua mãe.

Diz-lhe que o pobre proscripto ,  
Da noute na magestade ,  
Chorava por sua terra  
Longos prantos de saudade.

Diz-lhe que o triste poeta  
Cantava cantos de dor ,  
Que sua lyra gemendo  
Dizia : — Brazil e amor ! —

## A ROZA

Como ostentas seducção!  
Oh! como és linda e formosa,  
Como és bella e caprichosa  
Minha florinha mimosa  
Em tão viriginal botão!  
Sobre as agoas da corrente  
Que murmura mansamente,  
Como te inclinas contente  
Ao sopro da viração!  
O teu perfume tão brando  
Os ares embalsamando,  
De gosos me embriagando  
Como falla ao coração!  
Oh! como fallas de amor  
Mimosa, purpurea flor!  
Mas eu não te colho não!...  
Quando te vir outra vez,  
Amanhã mesmo-talvez,  
Já não inspiras paixão,  
Já estarás desbotada,  
Palida, murcha, coitada,  
Com tua frente inclinada,  
Com tuas folhas no chão!...  
E eu direi: ella vivia...  
Longa vida promettia  
Essa rainha d'um dia  
Depois veiu o furacão  
E ai! deixou-a cahida,  
De suas galas despida,  
Sem brilho, sem côr, sem vida!...  
— Uma rosa, uma illusão!

## OS MEUS SONHOS

### I

Como era bello esse tempo  
De tão doces illusões,  
De tardes bellas, amenas,  
De noites sempre serenas,  
De estrellas vivas e puras;  
Quadra de riso e de flores  
Em que eu sonhava venturas,  
Em que eu cuidava de amores!

Ah! minha infancia saudosa,  
Que me mostravas á mente  
N'esse viver innocente,  
Tão verdejante e florida  
A longa estrada da vida  
Que é toda, toda escabrosa!  
E eu, inexperta creança,  
Que tinha fé no porvir  
Por ver o mar em bonança  
E minha mãe a sorrir!...  
E julguei que era verdade!  
E acreditava nos sonhos  
Feiticeiros e risonhos!...

Illusões da mocidade  
Cheias de terna magia,  
Nascem doiradas e bellas  
Como o fulgor das estrellas...  
E morrem no mesmo dia!...

II

Sonhei que o mundo era um prado  
Lindo, lindo, matisado  
Das flores do meu jardim;  
Sonhei a vida uma estrada  
De gosos entrelaçada,  
De gosos que não tem fim.

Esses sonhos de magia  
Creei-os na phantasia  
Á meiga luz do luar,  
E quando conta segredos  
Na rama dos arvoredos  
A brisa que beija o mar.

Sonhei-os assim brilhantes  
N'aquelles doces instantes  
De silencio e de oração;  
Quando as estrellas seduzem,  
E quando os labios traduzem  
As vozes do coração.

Sobre o peito reclinada  
Eu tinha a fronte inspirada  
D'uma formosa mulher,  
E fraco um raio da lua  
Beijando-lhe a face nua  
Dava-lhe brilho e poder.

De certo a lua serena  
Um rosto como o de Helena  
Nunca, nunca illuminou;  
E nunca ouvirei na vida  
Voz mais terna e mais sentida  
Dizer-me:—sou tua, sou!

N'uma noite mui fagueira,  
Como visão prasenteira,  
Por entre beijos de amor  
Eu vi surgir uma estrella  
Linda, linda, muito bella,  
Com doce e meigo fulgor.

Na perdida phantasia,  
De luz, de amor, d'alegria  
Abrilhantei o porvir,  
E segui qual mariposa  
Aquella chama formosa  
Que eu via ao longe luzir!

.....

III

Mentira, tudo mentira!  
Os meus sonhos... illusões!  
As cordas da minha lyra  
Já não soletram canções,  
A mente já não delira,  
E se louco n'um momento  
Revolvo no pensamennto  
Esse passado de amores...  
Se triste o peito suspira...  
Eu ouço um ecco da terra  
Bradar-me com voz que a terra:  
—Mentira, tudo mentira!

Foram sonhos. Eram lindos,  
Eram lindos. . . mas passaram!  
E d'esses sonhos já findos  
Só lembranças me ficaram.  
Só lembranças bem saudosas  
D'essas noites tão formosas,  
Em que os sonhos despontaram,  
Só lembranças d'esses sonhos,  
D'esses sonhos que passaram!.. .

Hoje vivo, se é que é vida  
Andar co'a fronte pendida  
Calado e triste a scismar,  
E n'essa immensa tristeza,  
N'essas horas d'incerteza  
Em que adormece o luar,  
Em que toda a natureza  
É silencio, amor e paz;  
Eu sinto a alma saudosa  
Perguntar com voz queixosa:  
— Lindos sonhos, onde estaes?!

Então um ecco medonho  
Responde por cada sonho  
C'um gemido. . . e nada mais!

A minha sina cumpriu-se,  
A sina que Deus me deu!  
O ecco responde triste:  
A linda estrella—sumiu-se!  
A tua Helena—morreu!

## A VIDA

---

Nunca vistes uma rosa  
Primeiro abrindo mimosa  
O seu botão purpurino,  
Mostrando depois vaidosa  
Aos vivos raios do sol  
Do rocio matutino  
Essas gotas tão brilhantes  
Que semelham diamantes?

Não vistes depois a rosa  
Toda garçada e louçã,  
De Abril em fresca manhã  
Pompeando lindas cores,  
Pelo zephiro embalada,  
Sobre a lympha debruçada,  
Formosa fallando amores?

Não vistes depois á tarde  
E quando o sol já não arde,  
Como a flor está tão triste  
Co'a bella fronte pendente  
E como a tepida aragem  
Que sussurra na folhagem  
A vem beijar docemente?

E depois, no outro dia,  
Essa flor que se sorria  
Cheia de graça e de vida,  
Não a vistes vós pendida  
C'ó viva cor ja perdida,  
E que a brisa caprichosa  
Dessa tão palida rosa  
Uma a uma as folhas todas  
As arrancava sorrindo,  
E no regato sonoro  
Assim as ia lançando.  
E que essas folhas boiando,  
Com a corrente fugindo,  
Lá ao longe se perdiam?..

Olhae, assim é a vida !  
Na infancia somos felizes,  
Temos da rosa os matizes  
Quando se abre em botão;  
E as puras gotas de orvalho  
Que a rosa no seio tem,  
Não sabeis vós que ellas são  
Os prantos de nossa mãe  
Que caem silenciosos,  
Eloquentes, amorosos,  
Quando no berço deitados,  
Com nossos olhos cerrados,  
Ella nos vem contemplar  
Como um anjo que o bom Deus  
Enviasse lá dos ceus  
Para o nosso somno velar?...

A nossa infancia querida  
—A primavera da vida,  
Quando alegres e contentes,  
Descuidosos, innocentes,  
Nós saltamos as correntes,  
Nós trepamos as colinas,  
Nós corremos pelo prado  
Colhendo as frescas boninas  
Que vegetam no vallado,  
Comparae-a vós á rosa  
Corada e bella a florir  
Quando as auras vespertinas  
D'affagos a vem cobrir.

Esse sol que anima a flor  
De tarde no valle ameno  
Por entre os chupos annosos,  
É esse brilho sereno  
Cheio de mago fulgor  
Dos olhos negros formosos  
Da virgem de nossos sonhos,  
Quando seus labios risonhos  
Nos dizem fallas d'amor,

E as folhas que a rosa deixa  
Do seu seio desprendidas,  
São as nossas illusões  
Que pouco a pouco perdidas,  
Vão uma a uma caíndo  
E na corrente dos annos  
Coitadas, vão-se sumindo!

Assim como a linda rosa  
Murcha e cae no seu rosal  
Não resistindo—mimosa  
Ao sopro do vendaval,  
A vida tambem se extingue  
Quando estala o coração  
Pela perda d'uns amores...  
—A derradeira illusão!...

## O CASTIGO

(A JULIA)

Como estás hoje zangada  
E como olhas despeitada  
Só p'ra mim!  
Ora diz-me: esses queixumes,  
Esses injustos ciumes  
Não tem fim?..

Que pequei eu bem conheço,  
Mas castigo não mereço  
Por peccar;  
Pois tu queres chamar crime  
Render-me á chamma sublime  
D'um olhar?!.. .

Por ventura te esqueceste  
Quando d'amo me perdeste  
N'um sorrir?.. .  
Agora em colera immensa  
Já queres dar a sentença  
Sem me ouvir!.. .

E depois se eu te repito  
Que n'esse instante maldito,  
— Sem querer —  
Arrastado por magia  
Mil torrectes de harmonia  
Fui beber!

Eram uns olhos escuros  
Muito bellos, mui puros,  
    Como os teus;  
Uns olhos assim tão lindos  
Mostrando gozos infindos,  
    Só dos céus!

Quando os vi fulgindo tanto,  
Senti no peito um encanto  
    Que não sei;  
Juro fallar-te a verdade...  
Foi de certo—sem vontade—  
    Que eu pequei.

D'aquelle olhar namorado  
Um momento embriagado  
    No fulgor,  
Esqueci tua belleza.  
Eu confesso: foi fraqueza,  
    Não — amor.

Mas hoje minha querida,  
Eu dera até esta vida  
    P'ra poupar  
Essas lagrimas queixosas  
Que as tuas faces mimosas  
    Vem molhar:

Sabe ainda ser clemente,  
Perdôa um erro innocente  
    Minha flor;  
Por menor que seja o crime,  
O—perdão—sempre é sublime  
    Meu amor.

Mas se queres com maldade  
Castigar quem — sem vontade —  
Só peccou;  
Olha linda, eu não me queixo,  
A teus pés cair me deixo...  
Aqui 'stou.

Mas se me deste formosa,  
De amor na taça mimosa  
Doce mel,  
Ai deixa que peça agora  
Esse castigo d'outrora  
O infiel!

Prende-me... n'esses teus braços  
Em meigos, ternos abraços  
Com paixão;  
Ordena com gesto altivo...  
Que te beije esse captivo  
Essa mão.

Mata-me, sim... de ventura,  
Com mil beijos de ternura  
Sem ter dó;  
Que eu prometto anjo querido,  
Não desprender um gemido...  
Nem um só!...

## A FAUSTINO XAVIER DE NOVAES

---

Bem vindo sejas, poeta,  
A estas praias brasileiras!  
Na patria das bananeiras  
As glorias não são demais:  
Bem vindo o filho do Douro!  
A terra das harmonias,  
Que tem Magalhães e Dias,  
Bem pôde saudar Novaes.

Vieste a tempo, poeta,  
Trazer-nos o sal da graça,  
Pois c'os terrores da praça,  
Andava a gente a fugir ;  
Agora calmando o medo,  
E ao bom humor dando largas,  
A comprimir as ilhargas  
Agora vão todos rir.

Entre todos os paquetes  
Que o velho mundo nos manda,  
Eu sustento sem demanda  
*Tamar* foi o mais feliz:  
Os outros trazem cebolas,  
Vinho em pipas, trapalhadas,  
Este trouxe *gargalhadas*,  
Sem ser fazenda em barrís.

\*

Venha a satyra mordente,  
Brilhe viva a tua veia,  
Já que a cidade está cheia  
D'esses eternos *Maneis*:  
Os barões andão ás duzias,  
Como os frades nos conventos,  
Commendadores aos centos.  
Viscondes a pontapés.

Aproveita estes bons typos,  
Ha-os aqui com fartura,  
E salte a caricatura  
Nos traços do teu pincel:  
Ou quer na prosa ou no verso,  
Da-lhes bem severo ensino,  
Resuscita o Tolentino,  
Embelleza o teu laurel.

Pinta este Rio n'um quadro,  
As letras falsas d'um lado,  
As discussões do senado,  
As quebras, os trambulhões  
Mascates roubando moças,  
E lá no fundo da tēla  
Desenha a febre amarella,  
Vida e morte aos cachações.

Oh! canta! o povo te applaude,  
E os louros p'ra ti são certos!  
Acharás braços abertos  
No meu paterno torrão:  
Se és portuguez lá na Europa,  
Aqui, vivendo comnosco  
Debaixo do colmo tosco  
Aqui serás nosso irmão!

Bem vindo, bem vindo sejas  
A estas praias brazileiras!  
Na patria das bananeiras  
As glorias não são demais.  
Bem vindo o filho do Douro!  
A terra das harmonias,  
Que tem Magalhães e Dias,  
Bem póde saudar Novaes.

(Rio de Janeiro)

---

## PRANTO DE VIRGEM

---

Quando tu choras, meu amor, teu rosto  
Brilha formoso com mais doce encanto,  
E as leves sombras d'infantil desgosto  
Tornão mais bello o cristalino pranto.

Oh! n'essa idade de paixão lasciva,  
Como o prazer é o chorar preciso,  
Mas breve passa, qual a chuva estiva,  
E quasi ao pranto se mistura o riso.

É doce o pranto de gentil donzella,  
É sempre bello quando a virgem chora;  
Semelha a rosa pudibunda e bella,  
Toda banhada do orvalhar da aurora.

Da noute o pranto, que tão pouco dura,  
Brilha nas folhas como um rir celeste,  
E a mesma gotta, transparente e pura,  
Treme na relva que a campina veste.

Depois o sol, como sultão brilhante,  
De luz inunda o seu gentil serralho,  
E ás flores todas — venturoso amante!  
Cioso aspira o matutino orvalho.

Assim, se choras, inda és mais formosa  
Brilha teu rosto com mais doce encanto:  
Serei o sol e tu serás a rosa. . .  
Chora, meu anjo, beberei teu pranto!

(Rio de Janeiro.)

## LEMBRAS-TE

---

Diz-me Julia, não te lembras  
Da nossa aurora de amor,  
D'aquelle beijo primeiro  
Dado com tanto temor;  
Palavras apaixonadas  
De beijos entrecortadas.  
E tuas faces coradas  
De virgindade e pudor?

Como era bello esse tempo  
Em que tudo nos sorria!  
Os campos tinham mais vida,  
As tardes mais poesia,  
As noites eram formosas,  
As brisas voluptuosas,  
O jardim tinha mais rosas,  
O bosque mais harmonia!

Os dias eram mais curtos,  
As horas. . . essas fugiam,  
Os regatos murmuravam,  
As fontes já não gemiam:  
O porvir era brilhante,  
De sonhos, embriagante,  
E lá na praia distante  
As mesmas ondas dormiam!

Era vida, mocidade,  
Era amor, era ternura,  
Em cada hora — uma esperança,  
Cada dia — uma ventura,  
Cada rosa — uma illusão;  
Nos labios — uma canção,  
Aqui no peito — um volcão,  
Em ti Julia, — a formusura !

Mas diz-me tu não te lembras  
D'aquella tarde de Abril  
Em que eu mirava gostoso  
Esse teu rosto gentil ?  
D'aquella tarde formosa  
Em que a brisa era amorosa.  
Em que a fonte era saudosa,  
Em que o céu era d'anil?...

N'um jardim todo florido  
No mesmo banco sentados,  
Não te lembras dos olhares  
Ardentes, apaixonados?  
Como eu sorvia anhelante,  
Quasi louco, delirante  
O sorrir interessante  
De teus labios tão corados?

Os teus olhos eram — chammás,  
A tua bocca — um portento,  
As tuas faces — mimosas,  
Tua expressão — sentimento :  
Eu olhava extasiado,  
Eu soffria calado  
Esse sentir abrazado,  
Esse amor que era — tormento!

Os olhos então fallavam  
Uma sublime lingoagem,  
Modulada pelas queixas  
Que soltava a branda aragem,  
Embalando docemente  
Ora as agoas da corrente,  
Ora uma rosa indolente,  
Ora do choupo a folhagem.

Pouco a pouco embriagado  
Dos teus olhos no fulgor,  
Uni meus labios aos teus  
Que abrasavam de calor.  
Como coraste de pejo  
Ao matar esse desejo...  
Como foi longo esse beijo,  
Primeiro boijo de amor!...

.....  
.....

Diz-me Julia, não te lembras  
D'aquella tarde de Abril  
Em que eu mirava gostoso  
Esse teu rosto gentil?...  
D'aquella tarde formosa  
Em que a brisa era amorosa,  
Em que a fonte era saudosa,  
Em que o céu era d'anil?...

## DESEJOS

---

Se eu soubesse que no mundo  
Existia um coração,  
Que só por mim palpitasse  
De amor em terna expansão;  
Do peito calara as magoas,  
Bem feliz eu era então!

Se essa mulher fosse linda  
Como os anjos lindos são,  
Se tivesse quinze annos,  
Se fosse rosa em botão,  
Se inda brincasse innocente  
Descuidosa no gazão;

Se tivesse a tez morena,  
Os olhos com expressão,  
Negros, negros, que matassem,  
Que morressem de paixão,  
Impondo sempre tyrannos  
Um jugo de seducção;

Se as tranças fossem escuras,  
Lá castanhas é que não,  
E que caissem formosas  
Ao sopro da viração,  
Sobre uns hombros torneados,  
Em amavel confusão;

Se a fronte pura e serena  
Brilhasse d'inspiração,  
Se o tronco fosse flexível  
Como a rama do chorão,  
Se tivesse os labios rubros,  
Pé pequeno e linda mão ;

Se a voz fosse harmoniosa  
Como d'arpa a vibração,  
Suave como a da rôla  
Que geme na na solidão,  
Apaixonada e sentida  
Como do bardo a canção;

E se o peito lhe ondulasse  
Em suave ondulação,  
Occultando em brancas vestes  
Na mais branda commoção,  
Thesouros de seios virgens,  
Dois pomos de tentação ;

E se essa mulher formosa  
Que me apparece em visão,  
Possuisse uma alma ardente,  
Fosse de amor um volcão :  
Por ella tudo daria. . .  
— A vida, o céu, a razão!

**FINE**

---

En a fronte plus e carter  
Blanche d'ingrains  
Se o fronte plus e carter  
Como a rima do choro  
Se dize de talha rima  
Por que se o rima rima

Se a rima rima rima  
Como a rima rima rima  
Pois rima rima rima  
Que rima rima rima  
A rima rima rima  
Como a rima rima rima

Se a rima rima rima  
Como a rima rima rima  
Pois rima rima rima  
Que rima rima rima  
A rima rima rima  
Como a rima rima rima

Se a rima rima rima  
Como a rima rima rima  
Pois rima rima rima  
Que rima rima rima  
A rima rima rima  
Como a rima rima rima

Se a rima rima rima  
Como a rima rima rima  
Pois rima rima rima  
Que rima rima rima  
A rima rima rima  
Como a rima rima rima

	PAGS.
Prologo .....	v
A. ....	vii

### LIVRO I

1 Canção do exilio .....	1
2 Minha terra .....	3
3 Saudades. ....	7
4 Canção do exilio. ....	8
5 Minha mãe. ....	11
6 Rosa murcha. ....	13
7 Jurity. ....	15
8 Meus oito annos. ....	17
9 No album de J. C. M. ....	20
10 No lar. ....	21

### BRAZILIANAS

11 Moreninha. ....	26
12 Na rêde. ....	30
13 A voz do rio. ....	32
14 Sete de Setembro. ....	35

### CANTICOS

15 Poesia e amor. ....	37
16 Orações. ....	40
17 Balsamo. ....	41
18 Deus. ....	42

## LIVRO II

19 Primaveras. . . . .	43
20 Scena intima. . . . .	45
21 Juramento. . . . .	48
22 Perfumes e amor. . . . .	50
23 Segredos . . . . .	52
24 Clara . . . . .	54
25 A walsa. . . . .	56
26 Borboleta . . . . .	62
27 Quando tu choras . . . . .	65
28 Canto de amor. . . . .	66
29 Violeta . . . . .	70
30 O que? . . . . .	71
31 Sonhos de virgem. . . . .	73
32 Assim ! . . . . .	75
33 Quando ?!. . . . .	77
34 Sempre sonhos! . . . . .	79
35 O que é sympathia. . . . .	81
36 Palavras no mar. . . . .	83
37 Pepita. . . . .	85
38 Visão . . . . .	87
39 Queixumes. . . . .	89
40 Amor e medo . . . . .	91
41 Perdão . . . . .	94
42 Mocidade . . . . .	98
43 Noivado. . . . .	100
44 De joelhos. . . . .	102

### LIVRO III

45	Tres cantos. . . . .	104
46	Illusão . . . . .	106
47	Sonhando . . . . .	108
48	Lembrança . . . . .	110
49	O baile!. . . . .	111
50	Minh'alma é triste. . . . .	113
51	Palavras a alguém. . . . .	117
52	Folha negra. . . . .	119
53	À morte de Messeder. . . . .	121
54	Berço e tumulo . . . . .	124
55	Infancia. . . . .	125
56	A uma plateia. . . . .	127
57	No tumulo d'um menino. . . . .	128
58	A J. J. Macedo-Junior. . . . .	130
59	Uma historia. . . . .	133
60	No leito. . . . .	135
61	Pois não é?! . . . . .	141
62	Na estrada. . . . .	143
63	Na jardim. . . . .	145
64	Risos. . . . .	147

### LIVRO NEGRO

1	Horas tristes. . . . .	148
2	Dores. . . . .	152
3	. . . . .	156
4	Fragmento . . . . .	159
5	Anjo! . . . . .	161
6	Ultima folha. . . . .	162

## SUPPLEMENTO ÀS POESIAS

1	A amizade . . . . .	463
2	Suspiros. . . . . , . . .	165
3	A rosa . . . . .	167
4	Os meus sonhos. . . . .	168
5	A Vida. . . . .	172
6	O castigo. . . . .	176
7	A Faustino Xavier de Novaes. . . . .	179
8	Pranto de virgem. . . . .	182
9	Lembras-te . . . . .	183
10	Desejos. . . . . , . . . . .	186

# CAMÕES E O JÁO

SCENA DRAMATICA, ORIGINAL

DE

CASIMIRO DE ABREU

REPRESENTADA NO THEATRO DE D. FERNANDO EM 18 DE JANEIRO  
DE 1856.



LISBOA

112 — *Typ. do Panorama, Rua do Arco do Bandeira* — 112

—  
1867

CAMÕES E O JAO

SCENA DRAMATICA ORIGINAL

CASIMIRO DE ALMEIDA

REPRESENTADA NO THEATRO DE S. CARLOS EM 18 DE ABRIL DE 1806

1806

115 - Typ. de Pinaruco. Rio de Janeiro - 1807

1807

# CAMÕES E O JÁO

SCENA DRAMATICA ORIGINAL

REPRESENTADA PELA PRIMEIRA VEZ NO THEATRO DE D. FERNANDO  
NA NOITE DE 18 DE JANEIRO DE 1856.

---

## PERSONAGENS:

CAMÕES . . . . .	<i>Sr. Braz Martins.</i>
ANTONIO. . . . .	<i>« Santos.</i>

CHARLES D'UJO

SCENA DRAMATICA ORIGINAL

REPRESENTADA PELA PRIMEIRA VEZ NO THEATRO DE S. FERMINHO  
NA NOITE DE 18 DE JANEIRO DE 1855

PERSONAGENS:

St. Brás Martins  
Antonio

CHARLES  
ANTONIO

## PROLOGO

A 13 de Novembro de 1853, encostado pensativo ao mastro de ré do vapor «Olinda», transpunha a barra do Rio de Janeiro em demanda das costas de Portugal. Com que dor tinha os olhos fitos n'aquellas paizagens soberbas que pareciam apagar-se pela distancia! Quando deixei de ver as vagas enroladas baterem nos rochedos; quando as montanhas que se desenhavam ao longe, sumiram-se no horisonte, o pranto correu-me pelas faces, como nunca havia corrido. Eu chorava deveras como hoje suspiro saudoso, porque era a patria que eu deixava; a terra onde nasci; porque lá ficava meu pai e minha mãe, meus irmãos, tudo que de mais caro tinha no mundo!

Ai! é triste e solemne esse momento cruel. Vagando na amplidão dos mares, alongando saudoso a vista e os olhos só vêem o azul do céu confundir-se ao longe com o azul das vagas! Os joelhos tremulos, dobram-se; os labios ardentes de desespero murmuram meu Deus! minha patria! minha mãe! o pranto corre livre e o peito arqueja e cança.

E todas as noites quando pelo postigo do meu beliche via o firmamento salpicado d'estrellas, soltava um suspiro. Quando no outro dia contemplava o sol no occaso, dourando com seus raios moribundos as nuvens acastelladas no poente, suspirava tambem! Quizera ver esse mesmo céu estrellado nas lindas noites da minha terra, quando os raios da lua brincam com as flores do prado e adormecem nas agoas quietas do rio. Quizera ver o astro do dia em vez de se mergulhar nas vagas, esconder-se por traz das collinas, reflectindo seus pallidos e ultimos fulgores na cupula elevada do campanario da aldeia. Quizera ver tudo isso... e a patria já estava tão longe!...

Depois, mais alguns dias de balancear monotono sobre as

agoas, e pizei terra extraña. Era este Portugal velho e caduco que hoje dorme um somno longo á sombra dos louros que ganhou outr'ora: era este Portugal que ainda repercute o tinir das armaduras e das espadas de seus guerreiros extintos; era este Portugal que ainda repete as doces harmonias exhaladas de tantas lyras sonoras; era este Portugal, patria de meus avós, mas não minha patria. Aqui falla-se a mesma lingua que se falla no Brazil; aqui tambem ha sol, ha lua, ha aves, ha rios, ha flores, ha céu . . . mas o sol da minha terra é mais ardente, a lua mais suave, o canto das aves é mais terno, os rios são mais soberbos, as flores tem mais perfumes, o céu tem mais poesia.

Já dois annos se passaram longe da patria. Dois annos! Diria dois seculos. E durante este tempo tenho contado os dias e as horas pelas bagas do pranto que tenho chorado. Tenha embora Lisboa os seus mil e um attractivos, oh eu quero a minha terra; quero respirar o ar natal, o ar embalsamado d'aquellas campinas ridentes; quero aspirar o perfume que exhalam aquelles bosques floridos. Nada ha que valha a terra natal. Tirai o indio do seu ninho e apresentai-o d'improviso em Paris: será por um momento fascinado diante d'essas ruas, d'essas praças, d'esses templos, d'esses marmores; mas depois fallam-lhe ao coração as lembranças da patria, e trocará de bom grado ruas, praças, templos, marmores, pelos campos da sua terra, pela sua choupana na encosta do monte, pelos murmurios das florestas, pelo correr dos seus rios. Arrancai a planta dos climas tropicaes e plantai-a na Europa: ella tentará reverdecer, mas cedo pende e murcha, porque lhe falta o ar natal, o ar que lhe dá vida e vigor. Como o indio, prefiro a Portugal e ao mundo inteiro, o meu Brazil, rico, magestoso, poetico, sublime. Como a planta dos tropicos, os climas da Europa infezam-me a existencia, que sinto fugir no meio dos tormentos da saudade.

Feliz aquelle que nunca se separou da patria! Feliz aquelle que morre debaixo do mesmo céu que o vio nascer! Feliz aquelle que pôde receber todos os dias a benção e os affagos maternos! Mil vezes feliz, porque não sente esta dor que me arranca do peito as lagrimas ardentes que me escaldam as faces. Mas eu conservo ainda a esperanza, esse anjo lindo que nos sorri de longe. E quem deixará de ter esperanças? Só o desgraçado, que, crestada a fronte pelo halito maldicto das tempestades da vida, solta em um dia de desespero a blasfemia atroz: não creio em Deus! . . . Só esse.

Eu, não. Estou na idade das illusões; e arde-me no peito o fogo dos meus dezeseite annos; creio em Deus do fundo da minha alma, como o justo crê na recompensa divina. Sim, um dia verei a minha patria, os meus unicos amores; um dia entre prantos e soluços abraçarei minha mãe; um dia... á sombra triste da funerea cruz descansarei na mesma terra que me vio nascer. Deus é justo. O dia em que devo sentir uma nova vida, chegará. Esperemos.

No dia 18 de Janeiro representou-se no theatro de D. Fernando a scena dramatica «Camões e o Jão» primeira composição minha, ao menos a primeira que passou da pasta dos meus acanhados ensaios ao dominio da critica. Ninguem é mais do que eu, conscio dos innumerados defeitos que tem. Bem se vê que essas notas são tiradas pelas mãos tremulas d'um novato, na mais humilde e desconhecida lyra. No entanto foi recebida no meio de bravos e applausos.

Mas esses applausos e esses bravos, comprehendidos bem. Não eram a corôa de louros que me lançaram, coroando o merito da peça. Não. Eram as vozes d'um povo amigo e hospitaleiro, que bradavam — «ávantel!» ao joven que na carreira das letras encetava o seu primeiro passo.

Obrigado, mil vezes obrigado. Dissestes: ávante? Bem; eu tentarei proseguir o trilho. Maldicto o que espesinha sem piedade a flor que tenta desabroçar! Aos dois actores que a desempenharam tão bem, renovo os meus agradecimentos. São o sr. Braz Martins e o sr. Santos.

O sr. Braz Martins tem a sua reputação feita como escriptor e como actor; não carece dos meus elogios. Só lhe podem negar o merito litterario e artistico, almas baixas movidas por paixões mesquinhas. Demais, digo-o aqui com franqueza, cabe-lhe dupla gloria: foi elle quem me deu o pensamento da scena dramatica. O sr. Santos é um joven de bastante merito, para quem o futuro sorri auspicioso. Um dia, n'essa carreira d'espinhos, ha de ter a fronte coroada de flores.

Agora, offereço esta minha producção a duas pessoas, ambas no Brazil. É ao meu antigo lente e amigo o ill.<sup>mo</sup> sr. Christovão Vieira de Freitas, e ao meu amigo e collega Christovão Corrêa de Castro, que segue o curso de direito na academia de S. Paulo.

Ao primeiro, peço que quando ler o «Camões e o Jão» vá riscando e emendando com o lapis os muitos versos duros que lhe ferirem os ouvidos. As suas emendas são regras para mim.

Ao segundo, que foi meu companheiro d'estudos durante quatro annos no Instituto «Freese,» rogo de me recomendar a todos os collegas d'esse tempo tão feliz. Quando nos separámos em Nova Friburgo, de certo não foi para sempre. Ainda um dia hei de ouvir o canto melodioso e terno do Sabiá; ainda um dia nos veremos.

Lisboa, 27 de Março de 1856.

CASIMIRO ABREU.

## CAMÕES E O JÃO

A SCENA REPRESENTA UMA CASA POBRE; AO FUNDO UMA PORTA, DO LADO DIREITO UMA JANELLA E UM BRAZEIRO: EM DISTANCIA, DO LADO ESQUERDO, UMA CAMA ORDINARIA E UMA CADEIRA; JUNTO AO BRAZEIRO UMA BANCA PEJADA DE MANUSCRIPTOS.

*(São dez horas da manhã).*

Ao levantar do panño ouve-se o ribombar longiquo do canhão. O poeta, deitado, recolhe attento aquelles sons que pouco a pouco se esvaecem; depois ar-senta-se.

### SCENA UNICA

CAMÕES E DEPOIS ANTONIO.

CAMÕES

Que sons são estes que do Tejo a brisa  
Trazer me vem no susurrar macio?  
Julguei ouvir o rufo dos tambores,  
Ou o estridor pelos eccos repetido  
De bronzeas bôcas a ragir nas vagas.

*(Erquendo-se)*

Ribombo do canhão! signal de gloria  
Para as sempre fortes vencedoras Quinas  
Impavidas hasteadas nas muralhas  
Das fortalezas indicas vaidosas,  
E tremulando na soidão dos mares  
Que ao jugo luzitano a cerviz curvam!

Trombeta do combate! quando soas,  
Bater tu fazes com dobrada força,  
Com fogo ethereo coração ardente  
Que em peito portuguez livre palpita.

*(Com enthusiasmo)*

Meu Portugal tão bello e tão valente!  
Torrão formoso, terra de magia,  
Ricos sonhos do poeta, meus amores,  
Sim, meus amores, que os que tive outr'ora...  
Calla-te coração... já não existem!

*(Caminhando com custo para a janella)*

De primavera que formoso dia!  
Que azul de céu tão puro e tão sereno!  
Como corre o meu Tejo socegado!  
Meu patrio Tejo, que cantei saudoso  
No exílio amargo tantos annos... tantos!

*(Commovido)*

Oh quantas vezes de Macáu na gruta  
Por ti, por Portugal eu soluçava!

*(Retirando-se da janella)*

Para que me hei de recordar do exílio?

*(Assentando-se na cadeira)*

Passado é já. Vejamos o futuro.

*(Curva a fronte)*

ANTONIO

*(Entrando e aproximando-se de manso—á parte)*

Como está pensativo! sempre triste!

CAMÕES

Quem entra do mendigo na choupana?

*(Reparando)*

É jáo, meu pobre, meu sincero amigo.

ANTONIO

*(A' parte)*

Chamar-me amigo! a mim, ao proprio escravo!  
Escravo... que os grilhões contente beija!

CAMÕES

Meu Antonio para mim não trazes nada?

ANTONIO

Fui buscar pão... nem um seutil me deram!

CAMÕES

Resignação e fé, que Deus é justo.

ANTONIO

Resignação, dizeis! Mas ah! que tendes?  
Tão palido vos vejo e tão mudado!  
Depois que vos deixei soffrestes muito?

CAMÕES

Meu amigo, socega; nada tenho.

ANTONIO

*(A' parte)*

E tornou-me a chamar o seu amigo!  
Igual affecto, quem pagal-o pôde?

CAMÕES

Dizes que tenho a palidez no rosto?  
Não repares; a côr fugiu ha muito.  
Eu soffro, sim, mas quasi que o não sinto.  
É a vida a soltar o arranco extremo  
Já prestes a findar, como no templo  
Á mingoa d'oleo, ao despontar da aurora  
A lampada que ardeu durante a noute  
Palida brilha, bruxulêa... e morre!

ANTONIO

Por Deus vos peço, não falleis em morte.

CAMÕES

Se eu a sinto chegar a passos largos!  
Muito não tardará que o corpo inerte  
Vá sobre a terra descansar para sempre!  
Uma existencia cheia de desgostos,  
As mais douradas illusões desfeitas,  
Findos os sonhos, a esperança extincta...  
Oh de que vale o prolongar-se a vida?  
Sim, brevemente cerrarei os olhos,  
Morrerei pobre, velho, desprezado...  
Com um amigo só, que és tu, Antonio.

ANTONIO

*(Cahindo-lhe aos pés)*

Oh meu senhor!

CAMÕES

Terei um peito ao menos  
Onde então possa reclinar a fronte,  
Uma lagrima derramar saudosa,  
E dizer expirando o nome d'ella!  
(*Erquendo com doçura a cabeça do jáo*)  
Antonio, diz-me cá; tu nunca amastes?

ANTONIO

(*Erquendo-se*)  
Se tenho um coração!... Eu amo muito  
A terra onde nasci, a minha Java:  
A meus pais eu amei como bom filho  
E a vós, ó meu senhor, hei de amar sempre.

CAMÕES

Na tua vida uma mulher não houve  
Que igual affecto te inspirasse ainda?  
Por quem sentisses attracção immensa?  
Em que louco pensasseis, sempre, sempre,  
Mesmo dormindo, em sonhos bem fagueiros?  
Uma mulher, emfim, por quem no peito  
Forte paixão te ardesse ou um desejo?  
Uma mulher, um anjo, cujo nome  
O tivésseis nos labios e na mente;  
Escripto o visseis na corrente branda  
Que sobre seixos se deslisa quieta,  
N'um céu d'anil, na flor do prado, em tudo?  
Que t'o dissesse a brisa perfumada  
Lasciva perpassando pelas flores,  
O murmurar da fonte cristalina,  
No firmamento o scintillar dos lumes,  
Que o mundo inteiro te fallasse d'ella?  
Um anjo, a quem no delirar ardente  
Aos pés prostrado — amor! — dissesseis terno?

ANTONIO

Sim, sim; uma mulher eu amei muito.  
Era tão bella! A mesma cor que tenho,  
Ella tinha tambem; era de Java.  
A infancia ambos passamos sempre juntos  
Brincando alegres pelos campos lindos.

Passaram-se os folguedos, e sósinhos  
À fresca sombra dos gentis palmares  
Que enfeitam a minha ilha tão formosa,  
Mil fallas de ternura lhe fallava,  
Mil esperanças risonhas eu nutria.  
Era muito feliz o pobre escravo!  
Depois... tão moça ainda ella finou-se!  
O que eu chorei! E a dor pungente e amarga  
Até á morte sentirei n'esta alma  
Que outro amor como aquelle tão sincero...  
Oh senhor! o pobre jáo não terá nunca.

CAMÕES

Pois escuta: eu amava com excesso  
Na terra uma mulher muito formosa  
Que a sorte cega colocou mui alta.  
Mas o pobre Camões não tinha um nome,  
Não podia offrecer-lhe a mão d'esposo!  
Ai loucos! por ventura um sentimento  
Quereis moldal-o a conveniencias futeis?  
Quem é que ao coração jámais deu regras?  
Sem demora parti, buscando a gloria.  
Longos annos vaguei saudoso e errante,  
Ora embalado pelas bravas ondas  
Do oceano em furia grande, ouvindo os uivos  
Da procella a bramir forte e medonha;  
Ora chorando os prantos do proscripto  
Nos ermos montes de longiquas plagas.  
Que saudades que eu tinha d'esta terra,  
D'estas veigas risonhas, d'estas fontes,  
D'estas flores mimosas, d'estes ares!  
Nunca n'aquellas regiões tristonhas  
O riso de prazer me veio aos labios.  
Em vão eu quiz beber uma harmonia,  
Uma inspiração celeste, radiante!  
Lá não trinava o rouxinol gorgeios  
Na balseira virente em noite bella,  
Quando a lua prateada se retrata  
Sobre as agoas do lago socegado;  
Lá não ouvia a gemebunda rōlla  
Gemer saudosa... que entristece tanto!  
Lá não sentia a vespertina aragem  
Vir bem de manso bafejar-me a lyra,

Que nunca mais soltára hymno festivo!  
Tudo alli respirava só tristeza!  
E durante esses annos tão compridos,  
Esses annos d'ausencia e de tormentos,  
A imagem de Natercia eu via sempre.  
Uma vez que tranquillo adormecera,  
De subito me ergui todo convulso...  
Sonho horrivel me havia despertado.  
Sonhei-a fria, já sem vida... morta!  
Aquelle corpo airoso, inanimado!  
Aquelles lindos olhos já sem brilho!  
Os labios purpurinos já cerrados,  
Mas que no entr'abrir final, balbuciarão  
Camões! Camões! ainda com ternura!  
Vacilante os cabellos apartava  
Com a tremula mão da fronte em gèlo...  
Visão não era; realidade pura!  
Era morta a mulher que eu tanto amava,  
Morta .. na flor da vida!... ella era um anjo!  
Desde esse dia então morri p'ro mundo.  
As lagrimas de dor verti as todas,  
Depois... não chorei mais, soffria mudo.  
De rojo junto à cruz, constricto orava,  
Orava toda a noute só por ella.  
A Deus pedia o termo de meus dias,  
Que entre os anjos no céo vel-a queria.  
Já que na terra os homens, sem piedade,  
Me haviam d'ella separado sempre.  
Mas o Eterno não quiz. Curvei a fronte.  
Quereis que esgote o calix da amargura?  
Submisso e prompto está o servo humilde.

*(Apontando para a banca)*

Olha, Antonio, dá-me aquelles versos.

*(Recebendo-os)*

Sim, são estes que fallam de Natercia  
Com todo o fogo d'um amor eterno.  
Eis o signal das lagrimas cahidas  
Sobre o papel quando tracei as linhas.  
Lagrimas quentes, lagrimas de sangue,  
Arrancadas por uma dor immensa.

*(Beijando-os)*

Oh quero lêl-os, lêl-os novamente.  
Foi este canto luctuoso e triste

Ultimo harpejo que soltei gemendo.  
Ai! quando d'esse dia me recordo,  
Involuntario o pranto se desprende.  
É uma corda que se vai da lyra,  
Mais uma fibra que do peito estalla,  
Mais um gemido que rebenta d'alma,  
—Derradeiro estertor do agonizante—  
Um gemido que diz: além a—campa!

(*Assenta-se e lê:*)

Alma minha gentil que te partiste  
Tão cedo d'este mundo descontente;  
Repousa lá no céo eternamente,  
E viva eu cá na terra sempre triste.

.....

ANTONIO

(*A' parte*)

Alli n'aquelle leito tão mesquinho  
Repousa o maior vate d'este mundo!  
P'r'o sepulchro inclinada a fronte nobre  
Quasi a sumir-se como o sol no occaso,  
Um ai não solta nem um só que seja!  
Callado soffre, soffre, e não murmura!  
Só eu é que conheço o que padece:  
Com fome ha tantas horas e não tenho  
Em casa, nada que lhe dê agora!  
Se podesse passar sem mim ao lado..  
Se podesse! inda sou rapaz, seu forte,  
De noute e dia trabalhava sempre  
E do trabalho o lucro era para elle,  
Era só p'ra Camões. Mas eu não posso,  
Não posso abandonal-o um só momento.  
Tão fraco; até lhe custa a dar um passo  
Eu vou de porta em porta, a mão estendo,  
Peço pão, não p'ra mim, mas p'r'o poeta...  
E só parece que a rochedos fallo,  
Ninguem attende á supplica do pobre!  
De dor eu choro quando peço esmolla  
E vejo que m'a negam tão sem alma.  
Filhos de Portugal! ó portuguezes!  
Viveis entregues aos festins maldictos  
Sem vos lembrar que na miseria triste

Enferno geme, moribundo quasi,  
Um portuguez tambem, um vate illustre?  
Ah! sois malvados corações de pedra!  
Sim, sois malvados! O perdão do poeta,  
De certo o tendes, porque é bom, perdôa;  
Mas dos seculos futuros, com justiça,  
Anathema tereis e fulminante,  
Da infâmia o ferrete desprezível  
E a voz de Deus vos bradará severa:  
«Assassinos, assassinaste o vate!»  
*(Ouvem-se silvas repetidas, ao longe)*

CAMÕES

Antonio?

ANTONIO

Senhor!

CAMÕES

Saberás dizer-me  
Por que em signal festivo o canhão trôa?

ANTONIO

É a saudação banal das fortalezas  
Ao rei, á esquadra, que transpõem a barra,  
E que entregues aos ventos inconstantes  
Destemidos se vão plantar ousados  
O estandarte da Cruz em terras d'Africa.

CAMÕES

*(Erguendo-se, agitado)*

Sim, elles vão... mas é buscar a morte,  
Quem antevera que d'um povo a ruina  
Pelo seu proprio rei cavada fosse?  
O campas nobres. já no pó envoitas,  
De Nuno, d'Albuquerque e de Pacheco:  
Descerrai-vos, surgi! que esses gigantes,  
Patriotas bravos, semi-deuses luzos,  
Erguendo-se do somno eterno um pouco,

Depressa venham sustentar a patria  
Que ameça cahir, cahir p'ra sempre!

*(Caminhando para a janella e fallando para fóra)*

D. Sebastião, monarcha temerario,  
Parai! parai! que não ireis mancebo,  
Sepultar nas arêas africanas  
De tantos sec'los, n'um só dia a obra.  
Se não ouvis meu brado, por ser fraco,  
Oh! escutai, senhor, o pranto amargo  
Do pai, da mãe, da esposa e do filhinho  
Que vos pedem o filho, o pai, o esposo,  
Que sem dó arrancaes dos lares patrios  
P'ra sepulchro lhes dar em terra extranha,  
Mas ah! sois surdo; vossas náos já partem,  
O Tejo deixam... no horisonte somem-se...  
Um dia dareis conta d'essas victimas.

*(Retirando-se da janella e como que subitamente ins-  
pirado)*

Que luz celeste me esclarece agora?  
Que sombras estas que vagueam tristes,  
Que se deslisam silenciosas. quietas,  
Fantasmas negros na mudez da noute?!...  
Que campo é esse que se alaga em sangue,  
Theatro horrivel onde impera a morte?!...  
Oh! d'Alcacer-Quivir plagas maldictas  
Que presencêas n'um só dia a queda  
Da nação entre todas a mais nobre!  
Ah! vergonha p'r'as armas portuguezas!  
No calor da peleja que se trava,  
Parte-se a folha da ligeira espada  
E o alfange como, anjo de exterminio.  
Prostra exangues, sem dó, esses valentes  
Que em cem batalhas não tremeram nunca!  
Os soldados de Christo já recuam  
Pelas imigas hostes esmagados,  
O regio elmo pelo campo rolla...  
Calcada está de Portugal a c'roa,  
Nosso pendão cahiu... quebra-se o sceptro...  
E D. Sebastião ouzado e joven  
Eil-o que tomba do ginete altivo  
Com vida ainda, p'ra não mais erguer-se!  
Elle, nobre dos nobres lusitanos,  
Ao lado do peão lá geme, espiral

—A morte nivelou o throno e a choça.—  
Mas que ouço?! Estes canticos selvagens...  
Este alarido e gritos de victoria...  
De triumpho infeliz os solta nm povo!  
As mauras meias-luas lá tremulam  
Dos christãos sobre as tendas tão vaidosas;  
Lá resôa o clarim cantando um hymno  
Que contentes os eccos o repetem  
Pelo negror das trevas que caminham  
A cubrir com o sudario da vergonha  
A purpura real, d'um rei o corpo!  
Ouve-se ainda um brado... extincto é tudo!  
A gloria e o nome portuguez morreram!  
E este tinir de ferros?! São algemas,  
São grillhões que nos vem lançar Castella!!  
Termos de supportar extranho jugo...  
Soffrer da escravidão a morte lenta...  
Um nobre portuguez responde—nunca!

ANTONIO

(A' parte)

A febre do delirio que o devora!

CAMÕES

Eu á patria sobreviver não quero.  
Quem d'este Portugal cantou as glorias  
Não pôde a Portugal na mesma lyra  
Desferir o canto funebre saudoso.  
Se a patria é morta, heide morrer com ella.  
Hei de sim. hei de sim, porque n'esta alma  
Era o affecto maior que ora existia.  
Oh! que a mesma mortalha nos envolva;  
E o canto d'alma apaixonado e terno  
Em que humil le exaltei a fama tua,  
Que as chaminas o consumam; que hoje mesmo,  
De Luiz de Camões não tenha o mundo  
Nem sequer uma trova de seus dias...  
Bem poucos de prazer, de dor bastantes!  
Queimem-se todos, queimem-se esses versos,  
D'esta alma parte, que escrevi mil vezes  
Com pranto amargo deslisado em bagas.

Eia! coragem!

*(Lança ao fogo alguns manuscritos e vai buscar os Luziadas.)*

ANTONIO

Os Luziadas, nunca!  
Por quem sois, suspendei! sou eu que o peço;  
Que não se queima assim n'um só momento  
D'um poeta immortal a rica c'róa  
E o mais nobre brasão d'um povo inteiro.  
Oh! vou salvá-los.

*(Corre para Camões)*

CAMÕES

*(Lançando-os ás chammás,)*

Jão, nem mais um passo,

ANTONIO

*(Tirando-os.)*

Eil-o, o laurel d'um vate!

CAMÕES

Que fizeste?!...

ANTONIO

*(Erguendo o poema.)*

Se é verdade que tua patria é morta,  
Este poema lembrará ao mundo  
Que houve outr'ora um Portugal gigante  
E—Camões - fôra seu cantor sublime.

FIM

For  
Share



52072



